

PREFÁCIO

Vem esta *Coletânea de Textos Dramáticos* suprir uma lacuna que há muito se fazia sentir nos escaparates das livrarias, a saber, um florilégio de extratos tão-somente de peças de teatro assinadas por cinco escritores açorianos: Álamo Oliveira (*Missa Terra Lavrada*, *Manuel seis vezes pensei em ti* e *A Solidão da Casa do Regalo*), Daniel de Sá (*Bartolomeu*), José Martins Garcia (*Domiciano*), Norberto Ávila (*Algum Teatro*) e Onésimo Teotónio Almeida (*No seio desse Amargo Mar*). Se outros méritos lhe não fossem reconhecidos (que os tem, e não poucos...), não deixaria a posteridade de lhe outorgar o louvável intuito pedagógico-científico que presidiu à sua elaboração.

Abarcando uma extensa faixa temporal que remonta à Atlântida – imortalizada nos diálogos platónicos *Crítias* e *Timeu* e entressonhada em transe pelo Jovem “voyeur” de *No seio desse Amargo Mar* –, atravessa o século primeiro, prossegue pelo Renascimento, viaja até Oitocentos e desemboca na contemporaneidade, os trechos dramáticos da *Coletânea* em causa firmam e afirmam a identidade de Portugal – numa era globalizada em que a divisa parece ser a morna standardização –, invocando e evocando vultos nacionais, tornados entrementes mitos e trazidos à luz da ribalta como atores paradigmáticos de um tempo em devir, retratado pelos “historiadores do futuro” (José Martins Garcia).

É o caso do navegador Bartolomeu Dias, primeiro europeu a ‘dobrar’ o extremo sul da África, que surge revisitado na peça quase epónima de Daniel de Sá, a par de Cristóvão Colombo, Vasco da Gama e do ‘Venturoso’ D. Manuel I; ou, então, de um Damião de Góis, pajem de D. Manuel e hóspede de Erasmo, que Norberto Ávila relembra no contexto de um país profundamente católico e governado pelo “catolicíssimo” D. João III, avô do futuro rei mítico ‘Desejado’ e ‘Encoberto’; ou, ainda, o do desafortunado D. Afonso VI e o do grande impulsionador do teatro português, Almeida Garrett, ao qual, parafraseando Álamo Oliveira, deve a Literatura Portuguesa a recuperação da genuína poesia nacional; ou, por fim, o do “vencido da vida” Antero de Quental, o do decadentista finissecular e poeta simbolista Roberto de Mesquita (herdeiro do pampsiquismo anterior e considerado por Vitorino Nemésio como o precursor da açorianidade), o do modernista Armando Côrtes-Rodrigues e o do inesquecível *homo viator* Vitorino Nemésio (autor de uma obra proteiforme, englobando crónicas de viagem, ensaios, poesia e ficção) que, galgando a imortalidade dos tempos, descem à liça pela pena de Onésimo Teotónio Almeida.

Os dados estão lançados para uma profícua e múltipla abordagem dos fragmentos dramáticos desta crestomatia: uma abordagem cultural, remetendo para os mitos fundadores da tradição literária do Ocidente – como Penélope e Ulisses, Domiciano, filho de Vespasiano e irmão de Tito, caracterizado pela sua tirania e crueldade, e Herodes, rei da Judeia –, mas atualizando-os e reescrevendo-os graças aos anacronismos voluntários: com efeito, se a Radiotelevisão romana transmite em direto a cerimónia de divinização de Vespasiano,

conquanto os discursos entediem os telespetadores (José Martins Garcia), e se Domiciano é apelidado “camarada” pelo Bobo, Penélope transmuta-se em comedianta dramática e em crítica ‘encartada’, ao refletir visionariamente sobre a *Medeia* de Eurípedes e sobre o *Édipo-Rei* de Sófocles (Norberto Ávila); uma abordagem histórico-geográfica, centrando-se na época gloriosa dos Descobrimentos portugueses (Daniel de Sá) e nas rotas dos navegantes “por mares nunca dantes navegados”; uma abordagem literária, incidindo não aleatoriamente tanto sobre um dos expoentes da “Geração de 70” e do modernismo português emblemático pelas revistas *Orpheu* e *presença*, como também sobre a pioneira mundividência insular nemesiana; uma abordagem artística ou, mais bem dito, retratística, pela via das alusões a Columbano (retratista de Antero) e da presença em cena de Domingos Rebelo.

De não descurar, nesta compilação, se afigura o preito rendido ao Arquipélago, quer mediante a nomeação dos seus mais lídimos representantes oriundos das ilhas designadas (S. Miguel, Terceira, Flores), quer através de referências diversas a topónimos ilhéus (Monte Brasil, Campo de S. Francisco), quer do ponto de vista da hierarquia social insular (os lavradores micaelenses). E que dizer de um Herodes que fala açoriano – “Ubei!” – como, outrora, Tito falava latim? Aliás, a este testemunho de veneração não é alheia a sátira salvífica e redentora, contemplando a religiosidade extrema – “Os Açores foram sempre terreno fértil para o franciscanismo” –, a mentalidade provinciana – “Nunca percebi como é que um homem habituado à imensidão da América se adapta aos Açores” (Onésimo Teotónio Almeida) –, a chantagem sinónima de venalidade de cargos apadrinhados – “[...] se ele não se tivesse inscrito na Legião Portuguesa, nunca o padrinho lhe arranjava aquele lugar de contínuo na câmara municipal.” (Norberto Ávila) – e a imposição de costumes ancestrais numa *insula* que não raro conhece anos de fome – “Numa ilha, quem denuncia morre!” (Álamo Oliveira).

Urge, por fim, assinalar que, mercê do teatro e através da prosopopeia, assistem o leitor e o espetador à recriação de tempos idos e à convocação de nomes sonantes que as Parcas não conseguiram delir da memória lusitana. Da recriação pelo dramaturgo à representação pelo público (e a representação não deixa de ser trampolim para a aprendizagem...) a distância é ínfima: não farão apelo os textos escolhidos, em virtude da sua dupla função estética e cultural, a uma panóplia de signos visuais (mímica, gesto, movimento), acústicos (entoação, ritmo) e cénicos (acessórios, iluminação), passíveis de ritualização proveniente de encenações sucessivas por parte de estudantes e docentes?

Talvez não seja erróneo asseverar que foi este espírito epocal e nacional de cariz mítico e, por conseguinte, universalizante que as/os Organizadoras/es desta *Coletânea* intentaram homenagear, ao coligir significativos extratos de peças de teatro, algumas de difícil acesso advindo da sua não reedição, de cinco Autores consagrados no panorama das Letras portuguesas.

Maria do Rosário Girão Ribeiro dos Santos

Braga, 12 de fevereiro de 2013

Álamo Oliveira

MISSA TERRA LAVRADA

[...]

(O grupo arrumou-se num canto do palco. Pedro destaca-se e vem ler a epístola.)

Pedro

— Leitura da segunda epístola de Ferreira Drumond aos ilhéus: Houve tempos em que El-rei era senhor destas ilhas e da sua gente e outra vontade não podia existir que não a dele. Por isso, contradizer El-rei era afronta e desdouro com direito a pena e castigo e desterro em nau da Índia. E todos lhe eram obedientes por merecimento, dever e temor e eram muitos os que na desgraça de El-rei se haviam por desobediência e arrogância, mesmo que justa ou necessária. Das ilhas, El-rei, todos os anos, mandava vir o trigo para as suas praças em Marrocos (Mazagão e Fez) e Alentejo e cidade de Santarém e pagando-o por tabela sua sem olhar às necessidades dos ilhéus que, muitas vezes, privados se viam de seu pão necessário, caindo na miséria e na fome por vontade expressa de seu Rei e senhor. E as gentes das ilhas, perante a força dos representantes de El-rei, calavam sua fome e miséria até doer dentes e estômago. E, por isso, El-rei não era amado, nem seus representantes, mas só medo e temor submetiam este povo. E no ano da Graça, que foi mais da desgraça que da graça, temporais e vendavais destruíram as sementeiras e colheitas e o pouco trigo, havido por salvo, não dava para alimentar as gentes das ilhas e a fome surgiu medonha e enorme, pronta a passar a sua foice terrível e danada. E El-rei mandou que requisitassem todo o trigo existente e o almoxarife assim cumpriu, mandando-o procurar por todas as casas e tirando-o contra a vontade das gentes que, pela primeira vez, gritaram:

CORO (levantando-se como uma mola, grita)

— Não!

PEDRO

— E o almoxarife mandou que prendessem todas as pessoas que gritavam...

CORO (idem)

— Não!

PEDRO

— E viu que todas as gentes das ilhas seriam presas. E o povo fez uso da sua força e contra a força do povo ninguém pode.

(Rita destaca-se do coro. Este vai fazer de pano de fundo. José e Tomé serão os guardas. João, o esposo de Rita.)

RITA

— Estava na nossa casa, bordando um saio de linho naquela manhã de Outubro. Meu amado amanhecera no campo de milho e eu estava sozinha com o nosso filho no meu ventre aguardando a primavera para nascer. A nossa arca tinha pouco trigo, que uma chuvada de Julho destruíra a colheita. E o pouco escapado não nos prometia um inverno da sossego. E eles chegaram nessa mesma manhã: **(Entram os dois guardas devidamente armados)** primeiro cortesês; depois, brutais... E o meu bordado ficou inacabado, manchado de sangue e de uma tristeza mortal.

JOSÉ

— Este ano, na ilha, vai haver fome!

RITA

— Com a graça de Deus, meu senhor, vai!

TOMÉ

— E El-rei quer mil e quinhentos alqueires de trigo para a praça de Mazagão!

RITA

— Com a graça de Deus, El-rei não os encontrará em todas estas ilhas!

TOMÉ

— Há trigo escondido que é preciso ser entregue voluntariamente!

RITA

— Com a graça de Deus, este ano vai haver muita fome!

JOSÉ

— Há muita arca, nestas casas, que transborda de trigo!

— RITA

— Com a graça de Deus, na minha arca, vê-se o fundo!

JOSÉ

— E muitos são os que mentem, pois mais de trezentos alqueires já foram reavidos!

— RITA

— Com a graça de Deus, não estou a mentir, meu Senhor!

TOMÉ

— Onde está a tua arca, mulher?

RITA

— Aqui. Mas não lhe toquem! Já disse que o nosso inverno vai ser de fome. Nem trigo temos para a próxima sementeira.

TOMÉ

— Com a graça de Deus?

RITA

— Meu homem não está, meu Senhor! A minha casa não pode ser invadida...

JOSÉ

— Em nome de El-rei, abre a tua arca! Precisamos saber se falas verdade!

RITA

— Verdade eu falo, meu Senhor! Minha arca não se abre sem que o meu homem o consinta!

TOMÉ

— Quem és tu, que não ouves a voz dos emissários de El-rei?

— RITA

— Com a graça de Deus, El-rei não o conheço e a seus emissários não reconheço...

JOSÉ

— Em nome de El-rei, abre a tua arca!

RITA

— Tereis primeiro que abrir o meu corpo, onde guardo o nosso filho, como hóstia no sacrário. Ele vai nascer na primavera, precisamente no amanhecer do canto dos canários da terra! E El-rei já quer o pão que lhe guardámos para o criar e fazer crescer. Não! O meu filho não vai morrer de fome. Prefiro que não chegue a nascer...

(Os guardas avançam sobre ela, baionetam-na, arrastam a arca e fogem. Num canto, surge João — o marido)

JOÃO

— Por causa duma arca de trigo (o pouco que, do nosso trabalho e suor, o temporal deixou ficar), minha mulher está morta e meu filho não chegou a nascer. A noite prolongou-se no meu peito e nunca mais a manhã me acordará

no coração. Não guardo tristeza, nem lágrimas, nem solidão... Só um vazio permanece, como se fosse uma ave morta na gaiola. Nunca pensei que Deus permitisse tudo isto! **(Grita)** Deus! Que ilha és tu que não te afundas ao bater da dor do meu coração?! Deus!, porque não te afundas?! **(Canta):**

Cavei a terra, dei-lhe o corpo;
plantei meu sangue, fui semente;
rasguei o tempo com suor...

lcei esp'ranças, dei ternura;
larguei os sonhos no seu ventre...
esperei o tempo da fartura...

Deixei que as chuvas me molhassem;
deixei que o sol me esquentasse
a pele dura do meu rosto...

Toquei viola, fui à festa;
pintei de azul o campo todo
e fui colheita em Agosto...

Olhei as mãos e vi os calos;
falei de rosas, tive espinhos;
da minha fome, fiz bandeira!

Dancei na corda deste toiro,
cantei a terra e fiz um filho
numa estrela de oiro! (¹)

(Levanta Rita — morta — e sai com ela.)

JOAQUIM

— Muitas vezes este sacrificio foi celebrado impunemente... E pelos tempos fora, cada voz que protesta se abafa, assim, para sempre, porque a voz de uma ilha é como a voz daquele que clama no deserto e a voz de um ilhéu que

não alinhe à mesa do Rei é somente o eco inútil da voz do que clama no deserto...

ANTÓNIO

— E o ilhéu que não diz «amén» a El-rei terá de sacrificar a vida no altar da marginalização!

TERESA

— Porque quem não diz «amén» a El-rei não arranjará telhado para abrigar a família!

ANTÓNIO

— Nem trabalho para que a sustente.

FRANCISCO

— Nem direito de gritar de que está a ser esmagado.

JOANA

— Numa ilha, quem denuncia, morre!

JOAQUIM

— Porque os reis são outros, mas matam na mesma...

ANTÓNIO

— Os homens, mesmo os de boca atada às costas, ignoram a morte do seu companheiro. E as mulheres, debaixo do seu xaile preto, escondem o seu medo colocando trancas na porta.

TERESA

— E ao funeral do ilhéu que denuncia, só as aves e as ervas das valetas irão...

CORO

— E Deus!

FRANCISCO

— Porque só Deus sabe da denúncia e o que ela traz de sacrifício e glória.

JEREMIAS

— Bem-aventurado o homem que confia no Senhor e de quem o Senhor é a esperança...

CORO (canta)

— No canto aberto da nossa alma,
cabe inteira a tua semente

— Palavra: nosso arado, nossa grade,
enxada, foice enorme de bondade...

Aleluia! Aleluia! Aleluia! ⁽²⁾

⁽¹⁾ e ⁽²⁾ ver partituras na página 127 da obra

Missa Terra Lavrada, Angra do Heroísmo, Edição Secretaria Regional da
Educação e Cultura, 1984, pp 46 a 53

MANUEL

seis vezes pensei em ti

2º acto

2º quadro

Do muito ou do nada que Manuel aprende na filosofia do lixo.

AM— Ora, meu compadre lixeiro,
cá nos encontramos no fim
de mais um dia de lixo...

BM— Arre! que é neste enjoeiro
que havemos sacar marfim
num balde de alumínio.

AM— Cansaço, compadre, cansaço!
que de tanto baldear lixo,
ainda dou cabo de mim.

BM— E eu que tenho este braço
com reumatismo fetal.
Mas, não sei se é reumatismo

ou, acaso, outro mal;
que isto é baldear
o lixo das avenidas
é puxado de matar...
Além disso, tanto trabalho
p'ra quase nada ganhar!
E a vida sempre mais cara
numa subida que não pára.

AM— Dizes bem, compadre amigo:
— Isto está feio de caixão.
Mas, há quem aponte o turismo
para a nossa salvação!

BM— Boa será ela, compadre!
se o turismo nos salvar...
Que linda vai ser a ilha
Com tanta gente a turistar:
inglesas, americanas,
francesas e suecas...
Compadre, ainda andaremos
se sandálias e cuecas!
Não é só ter turistas,
na ilha a passear;
ao menos, algum proveito
havemos de lá tirar...
Mas, o lixo das avenidas
não me deixa descansar.

AM— Não se queixe o compadre
do balde que Deus lhe deu
— sempre é balde de rico.
Não é pobre como o meu.
E se o compadre andasse
no lixo dos bairros pobres?

BM— E julga que as avenidas
Dão um lixo mais nobre?

AM— Sempre deve haver um osso
ou mesmo um pouco de carne...
e — quem sabe? — um pedaço de bolo
fugido do aniversário...
É lá que mora a gente grada!
Gente fina! Gente da alta!

BM— Em lixo são bem piores
que os do bairro da lata!

AM— Não se queixe o compadre
Da gente das avenidas.
Tem lá os engenheiros, os industriais,
os arquitectos, os banqueiros
e políticos a mais.

BM— Que muito lixo produzem
ajudados p'los doutores.
E é lá que residem as damas
dos colares mui compridos
que, quando mudam de cama,
também mudam de maridos.

AM— E é lá que se travam as lutas
p'las grandes ideologias.
Foi de lá que saiu
a nossa autonomia

BM— Muito lixo de lá tirámos
com a nossa pá adunca.
Arranjaram uma autonomia,

Mas não nos autonomizaram nunca!

AM— Ora, não se queixe o compadre
do trabalho das avenidas...
Bem pior o dos nossos colegas
que limpam as secretarias.
São quilos e mais quilos
de tanta papelada;
secretarias que fumegam
de não secretariarem nada...

BM— Oh, muito bem diz o compadre
que esses se lixam de mais,
mas têm a honra de limpar
as lixadelas governamentais.

AM— Que não se queixe o compadre
do trabalho que temos.
Esta vida de cidade
não é vida de somenos...
Por enquanto, temos o balde
e não o podemos perder:
é a vaca de aço
que nos dá de comer.
E não nos serve choramingar
que, aqui, ninguém nos dá nada...
Quando muito, sem se esperar,
podem dar-nos uma pancada.
E não se queixe o compadre
Do lixo que despeja.
Ao menos é lixo grande
que até mete inveja.
Não é lixo que cheire mal
que o lixo das avenidas
sempre é de outra condição social.

Nos bairros pobres, a condição
É outra, É bem mais triste.
O lixo até se some...
À fome nada resiste...

BM— Pois não se queixe o compadre
do lixo pobre faltar.
Ao menos, descansa mais,
não tem muito que limpar.
Pois estou cansado deste lixo
que nos surge de gravata.
É um lixo bem falante
Mas tem um veneno que mata.
Estou cansado deste lixo
que infecta e infesta o alento
de conhecermos, pelo balde,
o homem-lixo que lá está dentro.
Ao menos, nos seus bairros,
o lixo é mais honesto...

AM— Oh, que não se queixe o compadre
que, dos bairros que limpo,
até o lixo dá voltas
de forma a apertar o cinto.
E pergunte-lhes, compadre, se é verdade
e já vê que não lhe minto.
Nas ruas da nossa cidade,
Há lixo, lixo e lixos
e de muita qualidade.

BM— Oh, não se queixe o compadre
que dos senhores da nossa terra
é que saiu o governo...

AM— Os senhores da nossa terra
inventaram um sapato
onde podem abandonar
o seu poder de rato
por horas, por meses, às vezes
até, pelo espaço breve
duma magra revolução.
Perante o perigo imediato
duma trombose popular,
os senhores da nossa terra
abrem, do poder, as portas
e oferecem, ao povo,
os seus lugares de sentar.
Mas, o povo contenta-se
em cultivar as suas hortas
e, por isso, depressa se cansa
de viver, paralyticamente,
sentado. E, depois,
os senhores da nossa terra,
ofendidos e para evitar sarilhos,
abandonam o poder
sentando lá os filhos.
Que estranha revolução
dos senhores da nossa
terra parasitária:
fazem do poleiro uma comichão
fatal, rabal e hereditária.

BM— Ora, meu compadre lixeiro,
cá nos sentimos no fim
de mais uma noite de lixo.

AM— Arre! que é neste enjoeiro
Que havemos sacar marfim

Num balde de alumínio?!

BM— Cansaço, compadre, cansaço!

AM— Boa noite, compadre, boa noite!

BM— Cansaço, compadre, cansaço!

AM— Este lixo, que recolhemos
sempre de noite e em silêncio,
também nos diz que podemos
ser um pouco do incêndio
da luta que mantemos.

BM— Este lixo também mostra
que a qualidade é a mesma
mas com diferenças substanciais.
Nos bairros, pouco lixo há,
mas, nas avenidas, há muito mais.
Na verdade, até no lixo
há grandes diferenças sociais...
[...]

MANUEL seis vezes pensei em ti, Ponta Delgada, Jornal da Cultura –
Publicações e Artes Gráficas, Lda, 1994, pp 81 a 91

A Solidão da Casa do Regalo

(Prémio “Almeida Garrett” – Direção Regional da Cultura/1999 – Açores)

(acto único)

Personagens:

AFONSO

PAGEM

Monte Brasil (Angra do Heroísmo). Voltada para a baía, a casa é um regalo para os olhos. Menos para D. Afonso – o VI –, exilado e espoliado da esposa e do reino. Partilha os dias e as noites com a solidão e com o seu pagem. Cômico, doente, envelhecido, D. Afonso é a máscara de todas as desolações. E, no entanto, tem apenas 33 anos. Vive sobre o arame da loucura e do pânico. [...]
A acção decorre num quarto da Casa do Regalo. [...]
Tempo da acção: enquanto a noite passa.

AFONSO — A noite...

PAGEM — Quase...

AFONSO — O dia esvazia-se... Sopro de moribundo... Eco perdido...

PAGEM — Majestade, viveis de vazios, de sopros, de ecos. E, entretanto, muitas coisas aconteceram...

AFONSO — Nada aconteceu. Apenas, parece...

PAGEM — Todos os dias o sol nasce, percorre o céu e vai afogar-se no mar, mesmo atrás do Monte Brasil.

AFONSO — Todos os dias o sol percorre esse caminho inútil.

PAGEM — Inútil?

AFONSO — Para nada.

PAGEM — Porque já nenhuma nova vos interessa, senhor?!

AFONSO — Que novas há que me possam mudar os dias?

PAGEM — Por exemplo, esta: Angra tem novo bispo.

AFONSO — Que nunca veio visitar-me.

PAGEM — Frei Lourenço de Castro já perguntou por vós, Majestade.

AFONSO — Apenas perguntou. Quantos meses ou anos passaram?

PAGEM — Um ano. Dois... Ele sabe de vossa indiferença por autoridades eclesiásticas.

AFONSO — É macho ou fêmea?

PAGEM — Quem?

AFONSO — O bispo. (*O Pagem fica sem resposta.*) Deve ser macho.

Mordidela de cão cura-se com pêlo do mesmo cão...

PAGEM (*interrompendo*) — Também acaba de chegar à ilha D. Manuel Nunes Leitão.

AFONSO — Quem é? Achas que o devia conhecer?

PAGEM — Veio para o lugar de D. Sebastião de Lorvela como Governador do Castelo.

AFONSO — Ninguém me disse nada. O que foi que aconteceu a D. Sebastião?

PAGEM — Morreu. Vieram dar-vos a notícia, Majestade.

AFONSO — Não me lembro. Também não existe qualquer diferença entre um morto e um vivo. Só os destinos são ao contrário.

PAGEM — Em questões de nobreza, a diferença é grande. É assim como esta angra, cheia de caravelas ou não.

AFONSO — Vazios... Sopros... Ecos...

PAGEM — Como, senhor?

AFONSO — Esta angra, sem caravelas, é como eu...

PAGEM — Não vos entendo, Majestade!

AFONSO — É um cadáver vivo. Enforma-se de vazios, sopros, ecos. Como a minha vida, a desta cidade é feita de contrabandos sentimentais. Esta cidade é a ponta da lança de Portugal. Mas enferrujou. Vai sobreviver de glórias sem nunca escapar à podridão. E sofre de memórias enevoadas, de silêncios sacudidos pelo vento...

PAGEM — É esse o destino das cidades de Portugal.

[...]

AFONSO — Nunca gostei do mar. Camões também não. Náufrago do seu próprio poema, não pôde evitar o adamastor.

PAGEM — Isso foi com Vasco da Gama, Majestade!

AFONSO — Sabes lá como são insondáveis os mistérios da poesia. Mete-se dentro da alma de um homem e faz dele um poeta. Depois, obriga-o a fingir e o pão torna-se veneno; a alegria, tristeza; a bondade, traição; a verdade, mentira; a vida, morte. Por isso, os poetas são como os frutos: doces e azedos. (*Outro tom.*) É verdade que estou numa ilha?

PAGEM — Não tanto que se não possa entender o tamanho do mundo. (*Pára de dar a sopa ao rei para abrir, sobre a mesa, um mapa gasto.*) Estamos aqui, Majestade. O mundo que se conhece está todo aqui.

AFONSO (*Olhando para o mapa*) — Como é que eu posso caber aqui, com o meu corpo, a minha roda de fogo, a minha realeza, o meu poder?

PAGEM (*enrolando o mapa*) — Tudo cabe onde cabe a razão. Maior do que a ilha só o silêncio.

AFONSO — E a solidão também. [...]

A Solidão da Casa do Regalo, Lisboa, Edições Salamandra, 2000, pp 7 a 11, 26 a 27

Ninguém

No II Centenário do Nascimento de Almeida Garrett

Cenário

Palco envolvido por uma rotunda, com pequenos apontamentos cenográficos para a representação dos extractos das peças de Garrett e das cenas em “flashback”.

(Acto único)

[...]

Cena 1

Garrett e Voz

Garrett — Para quê convocar um morto?!... Nada é mais insólito, por mais curiosidade que se fabrique à volta dele. (*Pausa para olhar o espaço*). Não vejo ninguém. Pelos vistos a pontualidade não é muita. Mandaram-me estar aqui com duzentos anos de vida e século e meio de morto...

Voz — Estou aqui!...

Garrett — Como?

Voz — Estou aqui em cima. Vamos conversar.

Garrett — Posso sentar-me?

Voz — Não sei se, a um morto, isso é aconselhável. A desintegração..., a pulverização...

Garrett — Ainda estou em bom estado.

Voz — Mesmo assim, convém não abusar.

Garrett (*sentando-se*) — Com licença!

Voz — Começemos. Confirma que nasceu a 4 de Fevereiro de 1799?

Garrett — Confirmo.

Voz — E que o seu nome de baptismo é João Baptista da Silva Leitão.

Garrett — Filho de António Bernardo da Silva, proprietário encartado como selador da Alfândega do Porto, e de Ana Augusta de Almeida Leitão, doméstica.

Voz — Sem mais nada?

Garrett — Bom... de Almeida Garrett.

Voz — Onde foi desencantar esses apelidos.

Garrett — A uma nebulosa avó, de remota ascendência irlandesa.

Voz — De que lhe servem esses nomes todos?

Garrett — Compreenda. Ser Silva e Leitão é muito plebeísmo junto.

Voz — Então, é verdade o que dizem sobre si?!

Garrett — Dizem tantas coisas...

Voz — Entre elas, que se deixou embriagar pelos fumos da glória académica.

Garrett — Quem é que não gosta? Era novo. Tinha talento...Sabe que fui minorista, soldado, poeta, cronista, actor, dramaturgo, tribuno parlamentar, empregado comercial, fundador de jornais, preso político, ministro no estrangeiro, visconde, deputado, par do reino e, outra vez ministro?

Voz — E foi também amante.

Garrett (*levanta-se*) — Também. Um amante tocado por grandes e intempestivas paixões, como há muito não havia em Portugal!

Voz — Um romântico autêntico!

Garrett — Por dentro e por fora. Tanto gostava de usar as camisas de seda que mandava vir de Londres, como de escrever sobre a minha mesa de ébano. A D. Agustina Bessa-Luís tocou-me com o dedo na ferida. Deixei-me inebriar pela lenda teatral da minha própria vida e enformei-me com espartilhos, cintas, chumaços, algodões...

Voz — Por isso, não chegou a ser padre?

Garrett — Tive a sorte de ter dois tios que se digladiaram pelo meu futuro. Meu tio D. Frei Alexandre da Sagrada Família, bispo de Angra... (*Outro tom.*) Deve saber que passei na Terceira parte da minha juventude. E estive na Graciosa

também. [...] Ah!, voltei à ilha para organizar um núcleo de resistência à Vilafrancada... [...]

Voz (*interrompendo*) — Por favor, onde é que íamos...?

Garrett — No meu tio bispo. Fez de tudo para que eu fosse padre, enquanto o meu tio João Carlos Leitão queria que eu seguisse Letras e a carreira política. Não me foi fácil ficar no meio do seu fogo cruzado. Bateram-se num duelo de luvas.

[...]

Cena IV

Voz — E não foi padre?

Garrett — Não. Não fui. Em 1816, matriculei-me na Faculdade de Leis da Universidade de Coimbra. Ao fim de um ano, mudei para matemática e filosofia.

Voz — Não mudou mais de curso?

Garrett — Sim. Acabei por me formar em Leis. A política diplomática interessava-me especialmente. Mas, em 1819, quase me formei de vez. No Porto, caí de um cavalo e estive às portas da morte. Este chinó tapa uma cicatriz profunda.

Voz — E depois?

Garrett — Depois... Bom. Depois, comecei a escrever e a representar teatro. Em Setembro de 1821, apresentei, no Teatro do Bairro Alto, a minha tragédia “Catão”. Fiz o papel de Bruto. E foi aí que conheci Luísa Cândida Midosi.

Voz — A sua primeira mulher.

Garrett — Casámos no ano seguinte. Poucos meses depois, aconteceu a Vila Francada. Parti para Londres. A situação política era-me desfavorável. Voltei a Portugal em missão secreta...

Voz — Qual missão?

Garrett — Era secreta. Apanharam-me. Estive três dias na prisão do Limoeiro. Voltei para Londres. Três anos de exílio...

[...]

Voz — Voltou a casar-se?

Garrett — Ah, a linda e santa Adelaide Pastor...

[...]

Cena VI

[...]

Voz — E de amores estamos conversados...

Garrett — Não, não. O meu coração é demasiado grande... (...) Mas não sabe quanto trabalhei para poder amar e escrever!

Voz — Calculo!

Garrett — A par da minha escrita, fiz pesquisa na área do romanceiro e procurei devolver ao Teatro português a dignidade perdida. É que, depois de Mestre Gil Vicente, tudo quanto aparecia vinha pejado de influências estrangeiras. A temática nacional parecia não ser teatralizável. Era preciso dar exemplos (o último tinha sido o pobre António José da Silva, que a Inquisição não poupou), e provar que Portugal tinha história e gente; que havia sentimentos portugueses. Em 1836, criei a Inspeção Geral dos Espectáculos, o Conservatório Real para a formação de actores e o Teatro Nacional D. Maria II.

[...]

Voz — Lembra-se da magnífica descrição do vale de Santarém em “Viagens da minha Terra”?

Garrett — Perfeitamente. A Joanhinha com o seu enorme sorriso, cuidando da avó...

Voz (*interrompe*) — Que era cega...

Garrett — O que tem uma coisa a ver com a outra?

Voz — Em Portugal, experimentar é um salto no escuro. Quando uma Joanhinha procura ser diferente encontra sempre uma avó que é cega. Em Portugal, ou temos a mania das grandezas ou a mania das pobreza. Não conseguimos encontrar um ponto estável que valorize os talentos que ousam experimentar. A Joanhinha acaba por ser uma romântica e cai no descrédito, enquanto os oportunistas singram à custa da cegueira da avó.

Garrett — Como no meu tempo...

Voz — Como no seu tempo. Continuamos a “falar verdade a mentir”.

Garrett — Isso é o título de uma das minhas comédias. [...]

Cena XII

Voz — Aquela personagem de José Félix está muito bem definida. Ele é ele próprio; depois, negociante; aqui, milorde Coockimbroock; e fará, ainda, de brigadeiro. Deve ser um bom desafio para qualquer actor.

Garrett — É a personagem mais portuguesa de todas. Talvez, por isso, a menos original. Gil Vicente criou várias figuras semelhantes... Ele conhecia a alma do povo como ninguém. [...] São figuras-tipo — tipos analfabetos, mas inteligentes; saloios, mas criativos, inventivos; com ar de sonsos, mas vivos, desenrascados; e, normalmente, não são bonitos, mas são sedutores. [...]

Voz — [...] Como em muitas outras, ela é exemplificativa do exercício da sua vida: falar verdade a mentir.

Garrett — Também não sei porque se empenha tanto em querer provar aquela que deve ser a qualidade maior de qualquer bom escritor.

Voz — Gosto de cair em redundâncias. Quantas peças de teatro escreveu?

Garrett — Para aí dezanove: “Catão”, “Afonso de Albuquerque”, “Um Auto de Gil Vicente”, “O Alfageme de Santarém”, “D. Filipa de Vilhena”... Não me lembro de todas...

Voz — Até que escreveu a sua obra-prima?!

Garrett — Como não sou falso-modesto, devo dizer que sim.

Voz — “Frei Luís de Sousa”. A grande tragédia portuguesa, depois de “A Castro”, de António Ferreira.

Garrett — Depende do ângulo de visão. Os critérios para fazer história parece que se estão a tornar científicos. Só que, na Literatura, como no resto, as medidas de avaliação serão sempre relativas. É, por isso, que as sociedades são acusadas de memória curta.

[...]

Cena XVIII

[...]

Voz — Deixe lá! Ninguém pode corromper a sua obra. É demasiado grande; demasiado importante; demasiado valiosa. A Literatura portuguesa deve-lhe esse belo momento do romantismo; deve-lhe a recuperação da nossa mais genuína poesia; deve-lhe essa aposta sublime de devolver ao nosso teatro uma temática verdadeiramente nacional. E se a sua obra é importante, mais importante foi a sua vida. Todos lhe devemos o exemplo de que a Liberdade se conquista com coragem. João Gaspar Simões, entre tantos outros, escreveu estas palavras sobre si: “Se a sua vida foi dispersiva e espectacular, foi também rica e empreendedora, afirmativa e ousada. Foi a vida de um homem

que muito viveu, muito sofreu, muito lutou e muito ambicionou. Bem haja o alto exemplo da sua inconfundível personalidade de homem e de escritor!”

Garrett — Obrigado!

Voz — Como vê, nem sempre a posterioridade é ingrata. Bom. Mas o nosso tempo esgotou.

Garrett — Já?

Voz — Sim. Já percorremos a sua vida — que não foi longa, diga-se.

Garrett — Apenas, cinquenta e cinco anos.

[...]

Ninguém, in *A Solidão da Casa do Regalo*, Lisboa, Edições Salamandra, 2000, pp 56, 57, 58, 61, 62, 66, 67, 68, 77, 78, 79

Nota: Neste excerto, não se incluíram as representações dos extratos das peças “Falar verdade a mentir” e “Frei Luís de Sousa”, apesar da sua pertinência enquanto textos complementares para o estudo destas obras.

Deu-se prioridade às cenas em “flashback” da vida de Almeida Garrett, que podem ser abordadas aquando da lecionação dos textos dramáticos, mas são também oportunas para a análise da sua lírica e das suas narrativas. Como o objetivo desta coletânea é ser uma ferramenta para o ensino, o excerto aqui apresentado abrange um público mais alargado e revela-se oportuno para uma abordagem à biografia de Garrett em diferentes anos escolares.

Daniel de Sá

Bartolomeu

A CENA:

Uma sala modesta do Paço Real da Ribeira. Ano de 1497.

AS PERSONAGENS:

PRIMEIRA PARTE

BARTOLOMEU DIAS;

PÊRO DE ALENQUER — seu piloto de Sol; piloto da capitânia de Vasco da Gama;

JORGE AFONSO — escrivão. [...]

SEGUNDA PARTE

D. MANUEL;

BARTOLOMEU DIAS;

JORGE AFONSO;

ANTÓNIO CARNEIRO — escrivão da câmara de D. Manuel, já o fora de D. João II, e foi ministro depois;

PÊRO DE ALENQUER

UM MOÇO DA CÂMARA (entra em cena para anunciar Diogo de Azambuja, e retira-se logo que este, de joelhos, saúda El-Rei);

DIOGO DE AZAMBUJA — serviu durante os reinados de D. Afonso V, D. João II e de D. Manuel; depôs contra o duque de Viseu, no processo que lhe moveu D. João II.

TERCEIRA PARTE

D. MANUEL;

D. JOÃO MANUEL — camareiro de D. Manuel, homem da sua confiança;

ANTÓNIO CARNEIRO

D. DIOGO MENEZES — D. Diogo da Silva Menezes, aio de D. Manuel e conde de Portalegre desde esse ano de 1497;

BARTOLOMEU DIAS;

JORGE AFONSO;

DIOGO DE AZAMBUJA;

PÊRO DE ALENQUER.

PRIMEIRA PARTE

[...]

PÊRO DE ALENQUER — Esperemos que El-Rei, pelo bom êxito de Vasco da Gama, caia em si no que grande parte da empresa é vossa.

BARTOLOMEU DIAS — Grande parte dela, dizeis bem. Como da minha obra grande parte fora o trabalhoso navegar de Diogo Cão, porque o engano de julgar que chegara aonde queria não lhe minguou as penas da viagem. E de outros, Pêro de Alenquer, os primeiros a passar o fim do Mundo – que o Mundo não só se acaba aonde se acaba a viagem -, essa restinga que se alonga pelo mar como um cabo na linha de água...

PÊRO DE ALENQUER — Falais do Bojador...

BARTOLOMEU DIAS — E de Gil Eanes, maior do que eu, Pêro de Alenquer.

PÊRO DE ALENQUER — Fostes mais longe... Sessenta graus a Sul do Bojador.

BARTOLOMEU DIAS — Já sabia que o fim do Mundo é só onde se acaba a viagem... E também com que ventos regressar... e por que rotas... e que velas me fazer ao mar...

PÊRO DE ALENQUER — Sois o homem certo para cumprir a vontade de D. Manuel.

BARTOLOMEU DIAS — O homem certo pode ser outro qualquer. Eu só por merecimento deveria ir. Vasco da Gama há-de lá chegar.

PÊRO DE ALENQUER — E se não for capaz de tal empresa?

BARTOLOMEU DIAS — Então, terá falhado a minha. Um mar só se abre quando por ele se faz caminho sem segredos. Se outro, depois de mim, não for capaz de ir aonde, tão claramente, eu julgo que se pode ir, é porque não fiz do mar um caminho fácil.

PÊRO DE ALENQUER — Mas fizestes.

BARTOLOMEU DIAS — Então, Vasco da Gama há-de chegar à Índia.

PÊRO DE ALENQUER — Mas estranho que D. Manuel ao menos na sua armada vos não queira.

BARTOLOMEU DIAS — Vão com ele homens de grande valor: Nicolau Coelho, Paulo da Gama, Gonçalo Nunes, João de Sá, Pêro Escobar, Afonso Gonçalves, João de Coimbra, Fernão Martins, Afonso de Selas...

PÊRO DE ALENQUER — Mas vós sois mais que todos.

BARTOLOMEU DIAS — Que Deus perdoe o meu orgulho, mas creio bem que o sou, como o dizeis.

[...]

PÊRO DE ALENQUER — E esse Cristovão Colombo, senhor, não o julgais um grande marinheiro?

BARTOLOMEU DIAS — Cristovão Colombo andou num mar sem medos. Bem sabeis que o mar do Sul era o julgado tenebroso, que daí, aonde chegámos, se dizia que nenhum homem podia voltar com vida. De outro lugar não ouvis tais coisas.

PÊRO DE ALENQUER — E que havia muitas léguas da Esfera que ninguém poderia habitar. E passámo-las todas e de lá viemos, por graça de Deus. E da mesma cor voltámos.

BARTOLOMEU DIAS — Cristovão Colombo conhece o mar, mas não conhece a Terra. E, para andar naquele, há que saber bem esta. Colombo não sabe aonde foi.

PÊRO DE ALENQUER — Que dizeis, senhor?

BARTOLOMEU DIAS — Ele julgou que chegara à Ásia. A Ásia, tão perto? Lá se poderá ir por Ocidente, não duvido. Mas isso é empresa mais de deuses que de homens. Quem primeiro o tentar por certo não voltará para dizer aonde chegou.

PÊRO DE ALENQUER — Estais tão seguro disso, senhor!

BARTOLOMEU DIAS — Dai-me uma esfera de qualquer tamanho, e eu saberei, de um ponto a outro dela, e pela sua curvatura, que distância existe. Cristovão Colombo, para chegar à Ásia, navegando quase sobre a linha equinocial, tem de andar umas três vezes o que andou.

PÊRO DE ALENQUER — Então os cálculos dele, senhor?...

BARTOLOMEU DIAS — Não vos disse que Colombo não conhece a Terra?

PÊRO DE ALENQUER — E ele julga que fostes muito mais ao Sul do que na verdade fomos.

BARTOLOMEU DIAS — Ah! Pêro de Alenquer! Bem sabeis, quando Colombo assistiu à minha fala com El-Rei D. João, em que lhe dei conta da viagem que fizemos, já lhe estava na ideia ir à Índia, por Ocidente, ao serviço dos reis de Castela e Aragão.

PÊRO DE ALENQUER — Como antes estivera de o fazer ao serviço de D. João.

BARTOLOMEU DIAS — Mas D. João sabia mais do Mundo do que D. Fernando e de D. Isabel. Por isso não lhe aceitou a empresa.

PÊRO DE ALENQUER — Mas ele teima que é ali a Ásia...

BARTOLOMEU DIAS — Teima e deixai que teime, Pêro de Alenquer. Para que ele fosse por ela a Ocidente, dei eu contas erradas do mar que andámos e dos graus a Sul a que chegámos. Para que ele acreditasse que a Ásia era mais perto pelo seu rumo.

JORGE AFONSO — Desculpai, senhores, que vos tenha deixado sós.

BARTOLOMEU DIAS — Dois marinheiros nunca ficam sós, se ficam juntos.

[...]

JORGE AFONSO — E grandes novas traz do Ocidente Cristovão Colombo. Que terras serão essas que encontrou? A Ásia, senhor Bartolomeu Dias?

PÊRO DE ALENQUER — O capitão Bartolomeu Dias entende que a Ásia por Ocidente, não pode estar tão perto.

JORGE AFONSO — Mas Cipango, como crê o genovês?

BARTOLOMEU DIAS — Ah! o genovês... que andou mercando açúcar na Madeira, e se julgou mais sábio do que os mestres de quem foi ruim discípulo?... Colombo sabe já que ali não é Cipango nem Ásia, mas teima que lá foi, pelos favores reais.

JORGE AFONSO — Então que há-de ser, senhor, se nunca se conheceu senão a Europa, que bem sabemos, a África que sabeis mais que ninguém, e a Ásia de que tanto ansiais saber?

BARTOLOMEU DIAS — O mar é imenso, e nele cabem muitas ilhas e outras grandes terras que ninguém nunca sonhou. Os navegadores do Infante D. Henrique deram com algumas das que já se imaginava que existiam, como outras se vão achando e mais outras se hão-de achar, que não as creio já

todas achadas. Que aquela que Fernão Domingos do Arco diz ter visto ninguém tornou a vê-la, ou tal parece, nem Fernão Teles ou Fernão Dulmo chegaram à vista da sua ilha das Sete Cidades, de que D. Afonso e D. João, cada um em seu tempo a a cada qual deles, fizeram doação se a encontrassem. E da ilha Brasil, da Sataneses, da Antilha, que sabemos? A alguma destas, ou outra até, se foi Colombo, que grande é o mar Oceano, pois como vos disse, e muito mais do que sabemos ou pensamos que nele pode estar lá estará por certo.

[...]

SEGUNDA PARTE

[...]

D. MANUEL — Está prestes a armada para a Índia, como bem sabeis. E a capitania dela se deu a Vasco da Gama, que assim o dispôs o nosso sereníssimo rei D. João, meu primo, que santa glória haja, e que nestas coisas do mar fez mais progressos do que se permitia imaginar que em tão pouco tempo e com tão pouca gente se fizesse. Mas ter-se a gente que se tem nunca é ter pouca, quando se fala a homens como vós.

Porém, sabeis que o ânimo enfraquece, e por sua fraqueza vence o espírito que quer o que não pode aquele. Vós bem o experimentastes, pois não fostes mais além como queríeis, porque as fraquezas de ânimo foram mais fortes do que as forças de alma dos vossos marinheiros. Talvez por isso vos não quis El-rei D. João mandar à Índia, não por imaginar-vos inconstante, mas por temer que, julgando-vos assim os marinheiros, se fizesse mais forte o seu desânimo, em algum dia em que os cansasse a empresa, e o medo os obrigasse a ser desobedientes, e a vós a ser obediente aos seus temores.

BARTOLOMEU DIAS —Uma vez quis o destino, por desgraça, que assim fosse. Mas seja deus louvado que, em voltando eu a estar no mesmo transe, mais quisera deitar-me ao mar e morrer só, do que volver atrás sem cumprir o que mandáreis.

D. MANUEL — Não vos queremos morto, capitão.

PÊRO DE ALENQUER — Real senhor, atentai bem que em tal empresa se requerem homens com grande ciência destes mares. Ninguém mais que o capitão Bartolomeu Dias seria bom conselheiro do senhor Vasco da Gama.

D. MANUEL — Estão cuidados os homens que o hão-de aconselhar. E não é justo que quem pela primeira vez passou o Tormentoso, o passe pela segunda a mando de outro. Nem Vasco da Gama acharia por bem que houvesse abaixo dele quem é mais do que ele.

BARTOLOMEU DIAS — À Índia iria eu como grumete, Senhor!

D. MANUEL — Não se gastam sedas para fazer velas. E tão inquieto sois visto por achar a Índia que julgareis, porventura, não servir o Reino se em outra missão para servi-lo fordes.

BARTOLOMEU DIAS — Mandai, Real Senhor, e aonde eu for por vosso mando, aí me há-de ser a Índia.

D. MANUEL — Bom é ouvir-vos isto. Mas antes do serviço a que havemos de chamar-vos, sabeí que a Pêro de Alenquer para outro o requeremos.

BARTOLOMEU DIAS — De quanto valho, boa parte se perde se Pêro de Alenquer não é comigo. Mas com a outra parte de mim hei-de cumprir como se fora completo. Assim me ajude Deus.

PÊRO DE ALENQUER — Ninguém é bom piloto se um grande capitão não acompanha. Mas ordenai, Real Senhor, e irei. E pela graça de Deus hei-de voltar.

D. MANUEL — E os grandes capitães não podem sê-lo sem pilotos como vós, Pêro de Alenquer.

Se para a empresa maior a que este Reino se atreve se vos pedisse conselho, senhor Bartolomeu Dias, de um homem que a pudesse tornar mais fácil, julgais que o senhor Pêro de Alenquer seria esse homem?

BARTOLOMEU DIAS — Real Senhor, se do mar estudei eu os perigos da lonjura, Pêro de Alenquer sabe-os todos evitar de perto. E conhece ventos, calmarias e correntes como ninguém mais do que ele, ou tanto como ele, há neste mundo que possa.

D. MANUEL — Queremos mandá-lo à Índia como piloto de Vasco da Gama.

PÊRO DE ALENQUER — À Índia, Real Senhor? Seja Deus louvado!

JORGE AFONSO — Não vos dizia eu que grande coisa vos queria El-Rei?

BARTOLOMEU DIAS — Senhor Bartolomeu Dias, à Índia!

Como disseste que não sois sem mim completo, não vou eu todo lá, porque não ides. Pois em tudo o que eu vir nunca hei-de ver a parte que por vossos olhos vira, se lá fôsseis.

BARTOLOMEU DIAS — Mas porque ides, me vou eu um pouco. E porque só esse pouco vou, talvez me seja mais a inquietação de me ficar.

[...]

UM MOÇO DA CÂMARA — Faz vossa Real Senhoria sua mercê de que entre o senhor Diogo de Azambuja, que chega da Mina com recado para o qual não pode haver demora?

D. MANUEL — Diogo de Azambuja?!... Fazei-o entrar.

DIOGO DE AZAMBUJA — Deus salve vossa Real Senhoria, sereníssimo príncipe. E perdoai-me a presença sem aviso, mas grande pressa tenho em vos falar.

D. MANUEL — Levantai-vos e dizei o que assim vos fez voltar ao Reino, que vos não esperávamos tão pronto.

DIOGO DE AZAMBUJA — Real Senhor, grande nova vos trago. Mas não sei se por bem ou se por mal vo-la hei-de anunciar.

D. MANUEL — Falai, para que se possa então sabê-lo.

DIOGO DE AZAMBUJA — Falo, Real Senhor, porque só vejo aqui gente da vossa inteira confiança, a quem em Deus saúdo.

Chegou à Mina, vindo da rota do Cabo, um estranho navio que em S. Jorge deixei cativo.

D. MANUEL — Que dizeis, ou que loucura é essa que vos deu?

ANTÓNIO CARNEIRO — Seja Deus louvado!

D. MANUEL — Pela minha rota?!... Porventura enlouqueceste, senhor Diogo de Azambuja? O caminho que abri foi para irmos à Índia, não para outros cá virem dessas partes.

JORGE AFONSO — Estais em vós, senhor?

PÊRO DE ALENQUER — Se é certo o que dizeis, anunciais-me que perdi a Índia.

D. MANUEL — Falai claro capitão, para que se possa entender o que dizeis.

DIOGO DE AZAMBUJA — O que vos disse. Que um barco de mouros deu a volta ao Cabo e subiu até à Mina. E, se não o apresáramos, por certo chegaria a Portugal ou outras terras.

D. MANUEL — Mouros de tão longe?! Não serão de África, senhor?

DIOGO DE AZAMBUJA — Esses conhecemos nós tão bem como se nossos fossem. São da Ásia os que chegaram a Mina.

[...]

D. MANUEL — Em grande risco está nossa empresa, pois o segredo, se não é dum só, é mal guardado. E os vossos marinheiros que sabem do que sabeis?

DIOGO DE AZAMBUJA — Julgam que são turcos quem deixámos na mina por cativos.

D. MANUEL — Estais seguro de que se os não deixarmos voltar, além de quem o sabe ninguém mais há-de saber a viagem que fizeram?

BARTOLOMEU DIAS — Juro-o por Deus, Real Senhor.

D. MANUEL — E vós aqui presentes, que ouvistes do capitão Diogo de Azambuja como em perigo está a empresa da Índia, jurais também calar um tal espanto?

ANTÓNIO CARNEIRO — Se o ordenardes, Real Senhor, assim será.

JORGE AFONSO — Tanto em silêncio me fico como se fosse coisa nunca ouvida nem sequer imaginada.

BARTOLOMEU DIAS — Alguma vez não fui à vontade de El-Rei obediente?

PÊRO DE ALENQUER — Uma palavra a mais do que nenhuma, e seja eu maldito se a disser.

D. MANUEL — Que não nos abandone Deus na nossa empresa, como parece que acaba de o fazer. O vosso silêncio, porém, será por Deus, se acaso ainda está Ele por nós.

Mas, senhor Diogo de Azambuja, por que razão vindes ao Reino dar notícia do sucesso? Não sabeis quais são as leis de Portugal para a navegação que se faça nesses mares sem ser a nossa?

DIOGO DE AZAMBUJA — Tão bem o sei como todos os que na Mina servem. Mandou El-Rei D. João, que santa glória haja, que quantos, em chegando às partes da Guiné, se vejam em navios que não façam serviço pelo rei de Portugal, «possam logo todos ser e sejam deitados ao mar, para que morram logo naturalmente e não sejam trazidos a estes reinos nem a outras nenhuma partes.»

D. MANUEL — Tão bem o sabeis, capitão, e tão mal o cumpristes.

[...]

TERCEIRA PARTE

[...]

BARTOLOMEU DIAS — Dais-lhes a morte, Senhor?

D. MANUEL — Está escrito, e assim se há-de cumprir.

BARTOLOMEU DIAS — Em má obra vos meteis, segundo julgo. Pois cada povo é como cada homem. E é parte de ser cristão não causar mal a ninguém. Assim, um povo que o seja não deve cuidar só o seu bem, se o bem dos outros com isso prejudica.

D. MANUEL — Mas se pelo nosso bem nos vamos, também o de Deus queremos.

D. DIOGO DE MENESES — Há mais onde fazê-lo sem se ir tão longe, senhor, já vo-lo disse.

D. MANUEL — Senhor D. Diogo, estar com Deus não há onde se o não esteja. Mas pareceis querer que Portugal receba parte grande em sua glória pelo esforço mais pequeno com que possam merecer-se Seus favores.

E vós, senhor Bartolomeu Dias, se vos fora dada a Índia por destino vós mesmo dissestes que não haveríeis de pensar como pensais agora. E não fostes tão contrário a vossos sentimentos com gentios que encontrastes na viagem que fizestes?

BARTOLOMEU DIAS — Eu seria pronto a tudo o que devesse e a muito do que não devesse, para saber em que terras fazia aguada ou descanso ou conhecimento delas, e a distância, Senhor, a que seria do reino do Preste João ou dos mares das Índias. Tinha o dever e a loucura de ir mais além, e bem sabeis que loucamente se não pensa direito. Mas vós tendes tempo e sossego para concertar o nosso bem e o da dessa gente, que vos não sopra o vento nem periga o mar, nem tendes um rei maior que vós a quem cumprir seu mando.

D. MANUEL — E se eu vos pedir para aprontardes vossa viagem e partirdes para a Mina sem demora, obedeceis?

BARTOLOMEU DIAS — A que ordens, Real Senhor?

D. MANUEL — Para cumprir a lei. Vos será dada uma caravela com bocas de fogo ao rés de água, e tomareis convosco esses mouros, dissimulando que os trazeis a Portugal. E, quando vos parecer por boa a hora, fareis, como aqui já foi dito pelo capitão Diogo de Azambuja, que sejam deitados ao mar e não

possam ser trazidos a estes reinos nem nenhuma outras partes. E de tal modo o fareis que, se se souber aonde chegaram, ninguém há-de saber porque morreram.

[...]

BARTOLOMEU DIAS — Pedis ou ordenais, Real Senhor?

D. MANUEL — Eu peço.

BARTOLOMEU DIAS — Que em vossa misericórdia me seja permitida minha escusa.

D. MANUEL — E se eu vos der a Índia como prémio?

BARTOLOMEU DIAS — Não com tal preço. Mandai outro por mim. E me seja perdoada a minha conta de vos não obedecer, Real Senhor, pela Índia a que não vou.

[...]

Bartolomeu (teatro), Angra do Heroísmo, Edição Direção Regional dos Assuntos Culturais, Secretaria Regional da Educação e Cultura, 1988, pp 7 a 8, 14 a 15, 16 a 18, 27 a 28, 33 a 35, 43 a 44, 45 a 46, 68 a 69, 70

José Martins Garcia

Domiciano

Ouve-se a Sinfonia nº 40 de Mozart enquanto DOMICIANO se põe de pé na cama e começa a declamar. Quando a música se detém, DOMÍCIA ri, maldosamente.

DOMICIANO – Peço-te que ponhas fim a esse riso.

DOMÍCIA torce-se de riso.

DOMICIANO – Ordeno-te que ponhas fim a esse riso!

DOMÍCIA ri até às lágrimas

DOMICIANO – Julgas que um homem pode comportar-se como homem... quando escuta as tuas infames gargalhadas? Julgas que eu posso ser eu próprio enquanto esse coro horrível me persegue? Porque ris tu assim? Não rias, não rias, não rias mais... peço-te, ordeno-te... Não posso, não quero, suplico-te!

DOMÍCIA – O meu pobre senhor, poeta à última hora!

DOMICIANO – Tito é poeta e um grande homem! Virgílio cantou a perenidade do império... O que há de infame em ser-se poeta?

DOMÍCIA – Porque o perguntas a uma mulher? Que é que te importa a opinião duma mulher? Que te importa o que eu penso dos versos? Não sois vós os imperadores, os senadores, os pretores, os censores, os virtuosos, os deuses, os semideuses, os heróis, os filósofos, os historiadores, os pensadores, os sábios, os mistificadores? Porque não sereis vós também os poetas ridículos?!... Não sois vós a verdade, o direito, a arte, a cultura, as legiões, a vitória, a estupidez, a calamidade? Não sois vós **tudo**? Dilatai o império, condenai à morte, escrevei a história... [...]

DOMOCIANO – Mas que fiz eu, que fiz eu?

DOMÍCIA – Tu, os teus, os outros, todos! Nem que me beijes os pés com pontualidade, nem que te rojes com servilismos de cão! Hás-de ouvir o meu riso... assim... que te quebrará o entusiasmo... E sempre que me ouvires rir,

hás-de ficar mole e manso como uma criança... porque eu assim o quero! E quando me quiseres matar, posso negociar mais uns dias de vida: o teu prazer por mais um dia de vida. Que tal?... Uma noite sem riso, uma noite por mês...

DOMICIANO – Vou mandar-te cortar a língua! Para não poderes rir...

DOMÍCIA – Eu sei rir com os olhos.

DOMICIANO – Tirar-te os olhos...

DOMÍCIA – Ficarão dois buracos negros... a rir...

DOMICIANO – Raça de moscas! Com quem aprendeste tu a rir?... Com Elius Lamia?... Não... Foi Páris, o histrião, quem te ensinou esse riso!

DOMÍCIA – Há muitos anos que sei rir!

DOMICIANO – Então vai decorando o teu próprio riso, porque não terás mais lições de Páris.

DOMÍCIA – Porquê?!

DOMICIANO – Porque Páris vai morrer lentamente... como dizia Calígula... de modo a sentir-se morrer. Estás comovida? Tanto desceram as matronas romanas, que já choram a morte dum histrião. Páris será castrado... Será que vejo uma lágrima nos teus olhos? Responde!

DOMÍCIA recomeça a rir.

DOMICIANO – Ordeno-te que ponhas fim a esse riso! Raça de moscas! Raça de moscas! Quando Vespasiano for coroado imperador...

Os actores entram no palco, uns vestidos à romana, outros à moderna, aclamando Vespasiano. No meio do alarido, todos arrastam para o palco uma mesa com iguarias, canapés, etc.

DRAMATURGO – É difícil manter a disciplina nestes momentos. Onde está o imperador Vespasiano?... Pois, pois...

Ao fundo, ao centro, como convém a um imperador! Fico eu de pé?... Ora essa! O senhor aí, sim, importa-se de me emprestar uma cadeira?... Obrigado, já não é preciso.

VESPASIANO – Silêncio! Silêncio, arre! Neste momento solene em que assumo a chefia do império, acho ser meu dever dirigir a todos um discurso de... de boas-vindas... de boas-festas... ou lá como se diz... Melhor: um discurso de parabéns! Quer dizer: parabéns ao povo por ter um imperador tão digno!

Alguns convivas aplaudem, VESPASIANO lança-lhes um olhar feroz.

VESPASIANO – Não quero aplausos... principalmente quando são poucos... e de má vontade. Bem! Atendendo a que a Radiotelevisão romana transmite em directo a cerimónia da minha divinização...

DRAMATURGO – Socorro! Socorro! Este homem enlouqueceu!

VESPASIANO – Cala a boca, burro! Já me fizeste esquecer as boas maneiras... bem! Acho que vou fazer um discurso. Um discurso breve, porque toda a gente sabe como os discursos chateiam os telespectadores.

Risadas

VESPASIANO – Os vossos risos do futuro não são para aqui chamados! Cada qual ria do seu tempo – eis o princípio da minha justiça! E esta foi a primeira frase do meu solene discurso. Eu sou um imperador profundamente preocupado com a justiça social...

Risadas. VESPASIANO arrota.

VESPASIANO – E siga o discurso. Tentarei fazer o melhor e o pior dentro da linha sublime que herdei dos meus antepassados. Fim de discurso! O senhor aí... sim, o senhor mesmo... Feche a boca, guarde o riso da sua dentadura postiça para o tempo que lhe está destinado... o seu tempo de ser ridículo à face deste planeta, percebeu?

O DRAMATURGO e os outros tentam acalmá-lo; VESPASIANO vomita.

VESPASIANO – Fora daqui, plebe! Fora daqui, ralé! Miseráveis, pelintras, filhos da terra! Raça de ...

DOMICIANO – Raça de moscas, raça de moscas, raça de moscas!

VESPASIANO – Cala-te imbecil! Quando te sentares no trono de Roma... porque assim foi traçado pelo Destino... ao menos já eu serei cinza... sem olhos para ver a degradação do meu divino sangue. Mas hás-de morrer como um cão, trespassado pelo ferro...

DRAMATURGO – É histórico! É histórico!

VESPASIANO – Que diz esse imbecil do futuro? Que tem a História a dizer dum imperador romano? Porque terei eu de ouvir as palavras dos bandidos que me cercam? Quem é que me pode pedir contas? Quem ousa pedir contas

ao im... IMPERADOR?! E quem mandou vir esses cretinos ouvir as falas dum pretenso dramaturgo... hem?

DRAMATURGO – Meu amigo, escuta...

VESPASIANO – Larga-me, dramaturgo de má morte! Sim, quem vos deu o direito de assistir à representação? Quem vos permitiu dar crédito às patranhas dum idiota que andou a bisbilhotar as patranhas doutro idiota, desse mentiroso Suetónio?...

DRAMATURGO – Ouve, meu amigo, estás a exagerar, estás a ofender-nos a todos.

VESPASIANO envolve actores e público num gesto de desprezo, arrota, baba-se e cai gritando.

VESPASIANO – Plebe!

DOMICIANO – Raça de moscas, raça de moscas...

DRAMATURGO – Queiram desculpar! O rapaz bebeu demais e acabou por levar o papel a sério!

Escuro. Soa o telefone. Atende o DRAMATURGO.

DRAMATURGO – Não, nada disso! Viva o imperador?!... Pois viva o imperador e não me mace... Conferência de imprensa? Mas onde julga o senhor que está?... Você está doido! César está doido!

Começa ouvir-se o pranto da plebe.

César está doente! César morreu!

Cresce o coro lamentoso. O DRAMATURGO desliga o telefone.

DRAMATURGO – É falso! É falso! Não consta que Vespasiano tenha sido chorado pelos seus súbditos. Era um brincalhão... mas levava a sério o dinheiro. Deixou como testamento uma frase célebre: “O dinheiro não tem cheiro”. Continua em vigor!

Tito, Imperador, e DOMICIANO entram em cena.

Simula-se uma câmara do palácio imperial.

DRAMATURGO – “Tito censurou-lhe o lançamento dum imposto sobre a urina. Então Vespasiano pôs diante do nariz do filho a primeira quantia resultante desse imposto e perguntou se algum cheiro lhe incomodava o olfacto...” – Suetónio, Vespasiano, Capítulo catorze. Desde então, o dinheiro foi considerado inodoro por todos os governantes e em todos os tempos...

TITO – O império é eterno... traduzido em palavras. O império é eterno... nos versos dos nossos poetas oficiais. O império é eterno... mas apenas nos nossos hinos, nas nossas estátuas... Ah! No dia em que os bárbaros sequearem Roma... Ai dos vencidos!

DOMICIANO – Sempre palavras, sempre as tuas bonitas frases... Como se não fossem do conhecimento público as tuas orgias, a tua corrupção, os teus efebos, os teus eunucos, as tuas mulheres... Por quanto te compraram a justiça no tempo em que Vespasiano era o senhor do mundo?

TITO – Sei que percorreste as casernas de Roma, que distribuíste dinheiro às legiões, que as incitaste à revolta contra o imperador Tito... Não tens paciência para aguardares a minha morte? Apesar dos teus actos infames, aí estás, vivo e são. E és o meu sucessor: porque eu jurei que te havia de tratar como irmão e sucessor. Só tenho uma palavra!

DOMICIANO – A tua clemência não será excessiva? Poderá ela ser verdadeira?

TITO – A minha bondade é apenas bondade. Não é verdadeira porque nada de verdadeiro existe em mim. Eu era apenas um homem; fizeram de mim um imperador! Sou cruel e debochado... mas como imperador não o posso ser... Como imperador tenho de ser clemente, evitar derramamento de sangue, senão o império será como uma fornalha e uma cadeia infindável de crimes sobre crimes... E perdoei, cheio de ódio, mas perdoei...

DOMICIANO – Bonitas palavras! E que te deixam para o futuro uma fama de justiça e bondade.

TITO – Escuta: os animais que não conseguem dominar os instintos não admitem que outros o possam fazer. Assim foi Nero...

DOMICIANO – Nero foi um verdadeiro César! Se o imperador não dispõe do direito de vida e de morte sobre os seus súbditos... então que significa o PODER?

TITO – Pobre império romano! Pobe povo romano!

DOMICIANO – Povo?!...

TITO – Que te ficará de todos os crimes que vais cometer? Que prazer obtiveste, por exemplo, quando mandaste assassinar Páris?

DOMICIANO – Fiquei feliz!

TITO – Não, o que pretendes é o amor de Domícia. A morte de Páris concedeu-te o amor de Domícia?

DOMICIANO – Cala-te!

TITO – Não, nem a morte de Páris, nem as violências que tens feito às mulheres romanas, nem a corrupção que espalhas à tua volta, nem as intrigas que não cessas de tecer... Nada! Há um obstáculo que nunca poderás vencer: Domícia Longina! Que te odeia, que te despreza, que sabe rir... Expulsaste-a do teu leito e depois ajoelhaste aos seus pés, pedindo perdão, perdão como um escravo... Nunca mais podes esquecer Domícia! Preferiste ofender-me repudiando minha filha Júla... Não podias esquecer Domícia, só te recordas do nome de Domícia quando caís de bêbado...

DOMICIANO – Desejo que morras mil vezes!

TITO – Aguarda com paciência!

DOMICIANO – Todos tiveram o amor de Domícia... Mesmo tu, confessa! Todos conhecem bem o corpo de Domícia... menos eu! Hei-de matá-la lentamente, hei-de matá-la aos poucos...

TITO – Só depois da minha morte!

Começa a escurecer. Depois escuro seguido de gemidos, prantos, cânticos fúnebres. DOMICIANO aparece vestido de imperador. Sobe a um estrado, devidamente ornamentado. Ao fundo e aos lados do palco, grandes espelhos.

DOMICIANO – Ao Senado, aos magistrados, ao povo romano! Ao Mundo! O vosso deus e senhor ordena que doravante o imperador dos Romanos seja assim tratado, por velhos e novos, homens livres e escravos: Nosso deus e senhor! Que se cumpra a partir de hoje a minha divina vontade.

CORO – Salve, nosso deus e senhor!

DOMICIANO volta-se para o grupo dos actores e faz um aceno a DOMÍCIA. Esta sobe os degraus, dá a mão a DOMICIANO e é apresentada ao povo.

DOMICIANO – E Domícia Longina, vossa augusta imperatriz, também exige um tratamento adequado ao seu divino sangue: Nossa augusta senhora!

CORO – Salve, nossa augusta senhora!

DOMICIANO – Ao Senado romano! **Patres conscripti**, que as estátuas do imperador, nosso deus e senhor, se espalhem por todos os cantos de Roma e,

se possível for, por todos os cantos do orbe! Mas que todas as estátuas do vosso imperador, vosso deus e senhor, sejam de ouro e prata... e cada uma deverá pesar pelo menos dez vezes o peso do vosso deus... Será condenado à pena capital quem infringir as minhas divinas leis! À força de me ver representado em metal precioso, a plebe esquecerá que sou de carne e osso!

DRAMATURGO – Achas que eles se vão esquecer do teu peso real? Quer dizer: do teu valor intrínseco?

DOMICIANO – Claro que sim! As estátuas são o ópio dos povos!

CORO – Salve, nosso deus e senhor! Ave, ave, ave!

DOMICIANO – Ao povo romano! O poder imperial, descurado desde o tempo em que Nero, nosso bem-amado e potector, faleceu, vítima de intrigas e calúnias, reviverá em mim, vosso deus e senhor, em toda a sua grandeza e com todo o prestígio que fez o império temido e respeitado de todos os povos... presentes e futuros! Restabeleceremos a ordem, a disciplina, o culto do imperador, os princípios divinos da autoridade, a origem indiscutível do seu querer! E condenaremos à mais infamante das mortes aqueles que pretenderem opor-se à nossa vontade absoluta!

CORO – Abaixo a razão! Abaixo a razão! Viva o imperador, nosso deus e senhor!

DRAMATURGO – Não estava previsto o acarneamento imediato...

UM ACTOR – O imperador tem razão! Sem ordem, não há sociedade que resista, é um facto!

DOMICIANO – Silêncio! Acabem com esses cacarejos do futuro! Irra!

DRAMATURGO – Algum dos senhorres saberá explicar por que motivo as multidões aplaudem estes facínoras...

UM ESPECTADOR – Talvez! É que tu, como dramaturgo, não arrancas aplauso nenhum!

DRAMATURGO – Muito obrigado!

DOMICIANO – Silêncio! Silêncio! O vosso deus e senhor ordena o silêncio! Ao Senado romano: o vosso deus e senhor vai revelar-vos um segredo histórico da mais alta importância: Domiciano é o legítimo sucessor de Nero. Acabem com esses ares embasbacados! Aplaudam! Com mais força! Ah! Eu ofereci o império a Vespasiano e a Tito... Eu, sim! Eis-nos na hora da devolução!

Aplaudam, irra! Parece-me que estais pouco adestrados nos aplausos. Ao Senado romano – é uma ordem! – aplaudam!

CORO – Salve, nosso deus e senhor!

DOMICIANO – Para começo não está mau! E vós, historiadores do futuro, tomai cuidado: eu sou o sucessor de Nero!

DRAMATURGO – Mas...Galba, Otão, Vitellius... Vespasiano, Tito?...

DOMICIANO – Foram usurpadores! Eu sou o único e legítimo sucessor de Nero! Atenção às vossas mentiras históricas, atenção às vossas intrigas futuras! Na lista dos imperadores romanos, eu sucedo a Nero... e sou a própria justiça!

SUETÓNIO – Compreendeste?

DRAMATURGO – Compreendi.

Domiciano, Angra do Heroísmo, Secretaria Regional da Educação e Cultura, Prémio “Armando Côrte-Rodrigues”, 1987, pp. 23 a 38.

O TESOUREIRO é despedido com um gesto. Entra o BOBO, um anão, todo vestido de vermelho (sempre), que logo se vai enroscar aos pés de DOMICIANO. O imperador acaricia-lhe a cabeça monstruosa.

DOMICIANO – Que pensas tu dos judeus?

BOBO – São piores que os escravos!

DOMICIANO – Tens a certeza?

BOBO – Absoluta!

DOMICIANO – Conheces algum judeu?... Há quem diga que se topam à légua...

BOBO – Todos os judeus são circuncidados. Desprezam a vida e adoram o dinheiro. Também desprezam todas as outras raças. Julgam que um dia serão os senhores do mundo...

DOMICIANO – Mentas! O senhor do mundo é César!

BOBO – Mas não para os judeus. O deus dele não vive sobre a terra... é um deus diferente, que os entregou ao senhor deste mundo para os castigar...

Depois do castigo, virá a glória... eles serão os verdadeiros senhores do mundo!

DOMICIANO – As tuas piadas hoje não me divertem!... Acho que é preciso exterminar os judeus.

BOBO – Bem o tentaram vosso pai e vosso irmão, ó sócio... Sem resultado! Fica sempre algum para propagar a espécie.

DOMICIANO – Será mesmo assim? Ouve, anda cá: se tornas a chamar-me sócio, ou compadre...

BOBO – Então voltemos aos judeus, ih, ih, ih! Estava a falar verdade. Eles vivem com gosto e morrem sem desgosto. Todo o dinheiro que roubam é, segundo eles, destinado a apressar a vinda do seu império. E quando morrem, dizem eles, vão sentar-se junto a um deus...

DOMICIANO – Deus?! Qual dos deuses?

BOBO – O deus deles. Só têm um!

DOMICIANO – Avarentos! Achas que eles subornaram o meu tesoureiro?

BOBO – Certo, certíssimo, camarada!

DOMICIANO – Também não me chames hoje camarada... Estou azedo, não acho graça a nada! E é verdade que os judeus se recusam a pagar os impostos? E que o tesoureiro está de conivência?...

DOMICIANO – Os judeus exploram o povo e repartem com o tesoureiro... Certo! Certíssimo!

DOMICIANO – Raros de entre vós conseguirão elevar a tais alturas a face veneranda.

O BOBO não percebe e faz uns trejeitos para alegrar, em vão, o imperador.

DOMICIANO – Foge da minha vista, homúnculo, mosca, anão dos infernos! Um dia prendo-te, víbora sem graça! Júlia! Júlia! Tragam-me Júlia!

Domiciano, Angra do Heroísmo, Secretaria Regional da Educação e Cultura, Prémio “Armando Côrte-Rodrigues”, 1987, pp. 76 a 79.

Norberto Ávila

A Paixão Segundo João Mateus



II Parte

Em cadeira instalada num andor, que quatro homens transportam aos ombros, Herodes sai do seu palácio. Segue-o um guarda-costas, corpulento e espadaúdo, de chicote na mão.

Herodes

Vamos por'í, devagar,
Que nã quero ir apressado.
Nã'istou co'o tempo atimado:
Bem podemos demorar.
Vamos pla marge do rio,
De redol desse cabeça.
Isto será o começo,
Sigundo o meu alvedrio.
Que òdipois quero ir tamém
Ò cimo daquele monte.
(*Aponta.*)

(Os servos parecem pressentir o sacrifício do passeio.)

Herodes

Porque, ispreitando o hòrizonte,
Verei o que mais cunvém.
Passante o que a vista alcança,
Oitro hòrizonte aparece.

Um dos carregadores E é q'ando um hóme ismorece,
 Ò peso dessa alambrança.

(O brutamontes atira-lhe uma chicotada. Da reacção resulta um solavanco do andor.)

Herodes O mar 'stá brabo! Adiente,
 Com munta solenidade.

Outro carregador Olhai ali, Majestade.

Vem ali um ror de gente!

Herodes Ia apostar que se achêgum
 Para me ver e saudar.
 Ruspeito quérим mostrar.
 Q'ridos fiéis, que ñã cégum
 Co'a glória e asplendor de Roma!
 Cada vez mais me acarínhum!

Outro carregador Se pudéssim, vos mantínhum
 Mitido nũa redoma!

(O brutamontes levanta o chicote.)

Brutamontes É elogio ò sarcasmo?

O carregador É elogio! Pois antão?!

(O brutamontes recolhe o chicote.)

Herodes Nunca vi tal multidão
 Òs mês pés! Ubei! E pasmo
 De os ver assim, im tropel.
 Quérим um rei vredadeiro!
 Que eu seja, infim, o prumeiro
 Da Judeia e d'Israel!

(Entram os pontífices, escribas e fariseus com Jesus, ainda manietado.)

1º Pontífice Peço desculpa, Senhor.
 Vimos aqui...

Herodes Obrigado!

1º Pontífice ...Intregar-te este acusado.

(Indica-o.)

(Desencanto de Herodes, que repara no prisioneiro.)

1º Pontífice Pretenso libertador
Do povo deste país,
Tem-no sublevado a (i)eito.
E sendo assim, neste pleito
Só tu serás o juiz.
Inté o próprio Pilhatos,
Que te vê comâ inimigo,
Diz talqualmente o que ê digo:
Est'hóme, autor de tais actos,
É galileu, teu patriço.
Protanto...

Herodes E que nome tem?

1º Pontífice Jasus nacido im Belém.

Herodes Pois folgo munto cum isso,
Que assim o vejo im pessoa.
(Pausa.)

Quero descer.

(Os carregadores baixam o andor e Herodes apeia-se.)

Herodes Que agradávle!
Pilhatos foi munto amávle!
Cunsintindo honrar-me a c'roa
Que inda trago na cabeça.
Bem haja. A partir daqui...
(Pausa.)

Bem haja. A partir daqui...

(O actor que interpreta Herodes parece ter-se esquecido do papel. De mão posta na orelha, olha aflitivamente para João Mateus.)

João Mateus Nã m'isquece o que ê sinti...

Herodes Nã m'isquece o que ê sinti.

Quem há que nã s'invaideça?!

Semp' tive a crusidade

D'algũa vez conhecer-te.

Nã cudei chigar a ver-te
Privado da libardade.
Menos cómedo ê 'staria
No tê lugar, apresado.
Tu, porém, que tens obrado
Prodígios de tal mestria!
Nã te deixes ficar quedo!
Faz-les o gosto im vinaigre!
Domina esse povoredo,
Prupara aí um milhaigre!
Deixa-o aqui imbaçado,
A ver-te assubir ò céu.
Ei, tal pavor! Um escarcéu!
(Aproxima-se de Jesus.)

Unde te foi insinado
Isso de catolecismo,
Que a tanta gente seduz?
(Pausa.)

Chamas-te mêmo Jasus?
Esse nome é de bautismo?
Ou será nome de guerra,
Para criar cunfusão?
(Pausa.)

Para criar cunfusão?

(O actor volta a esquecer-se do papel. Põe-se a olhar para João Mateus.)

João Mateus

És comunista? És mação?

Herodes

És comunista? És mação?

(Pausa.)

Porque andas de terra im terra,

Feito assim judeu errante?

(Pausa.)

Q'antos sócios há? E aúnde?

Vão reunir-se? Responde!

Já te calaste o bastante

1º Pontífice

Pra (i)eu me tronar sanhudo!
Dezendo-se rei, se astreve
A destronar-te! Que im breve
Seria!

Herodes

Sim? No Intrudo!

(Herodes põe-se a andar à volta, com perturbado. Olha depois para João Mateus, que, com gestos discretos, lhe lembra qualquer peça de roupa: um vestido, talvez.

Dirige-se então para o brutamontes e diz-lhe umas palavras ao ouvido. E ele entra a correr no palácio.)

Herodes

(para Jesus)

Im tempos acarditei
Que tu eras João Bautista,
Ressu'citado. (Que artista
De bum falar! Que eu matei.)

(Volta o brutamontes do palácio, trazendo num dos braços uma vestidura de lã branca.)

Brutamontes

A vestimenta aqui 'stá.

Herodes

(aos que acompanham Jesus)
Desatai-le as mãos, prumeiro,
Vesti-le a lã do crodeiro,
E logo antão se verá.

(Assim procedem.)

Eu, deserto por te ver;
Por escuitar tuas falas!
Nã julguei fazesses galas
De ficar sim responder!
(Pausa.)
Ninguém te pode arrincar
Ûa palavra que seja?!

1º Escriba

O sê silêncio sobeija
Para o fazer cundenar!

O Rosto Levantado

Cena 10

A mesma noite. Um celeiro da propriedade de José Redondo, parte do qual foi transformado em camarata para os trabalhadores. As camas são simples tarimbas, sobrepostas em forma de beliches. Além disso uma mesa, com um candeeiro de petróleo, uns bancos, um velho lava-mãos de ferro, alguns utensílios de cozinha e pouco mais.

Espiga e Marrafa estão deitados. Janeiro acaba de lavar as mãos e a cara, e enxuga-as com uma toalha turca.

Geraldo (*fora*) – Ó Janeiro!

Janeiro – Quem é que está aí?

Geraldo – Sou eu, o Geraldo.

(Janeiro vai abrir a porta.)

Geraldo – Posso entrar?

Janeiro – Homem, nem se pergunta.

Espiga – És dos nossos.

Geraldo – Obrigado. *(Entra, com uma pequena mala.)* Passei pela taberna do Estragado e sempre trouxe esta mala, que é mais pequena. A outra, hei-de ir buscá-la amanhã. Enfim, não sei se terão aqui lugar onde eu possa dormir, pelo menos esta noite.

Janeiro – Esta noite e todas as que quiseres.

Marrafa – A não ser que o Vítor regressasse entretanto. Mas não me parece.

Geraldo – O que foi que lhe aconteceu? Está doente?

Janeiro – Não. Vieram prendê-lo, faz hoje oito dias.

Geraldo – Sim?

Marrafa – Metem-se em políticas, e depois é o que lhes acontece. Bem faço eu, que só quero saber do meu trabalho e receber o meu dinheirinho.

Geraldo – É pouco. *(Pousa a mala no chão.)*

Janeiro – Não me parece que fiques muito bem acomodado, mas é o que se pode arranjar.

Espiga – Isto são camas de pobres trabalhadores.

Marrafa – Que é bom conhecer.

Janeiro – Ora, parece mentira. Quem podia ficar instalado em casa do Sr. José Redondo, a dois passos da menina Violante...

Espiga – A dois passos é demasiado longe. Essas coisas querem-se de mais perto.

Janeiro – Bom, bom. Passemos a outro assunto. Eu tenho ali uma garrafa de vinho da Vidigueira, que me mandaram ontem. Uma maravilha, segundo parece.

Marrafa – Ah, grande Janeiro! *(Saltando da cama.)* Assim é que eu gosto de ouvir.

Janeiro – Não falei contigo, Marrafa.

Marrafa – Nem eu agora preciso que me fales. Basta que tragas a garrafinha. Os copos arranjo eu. *(Tira quatro copos de uma prateleira, que coloca sobre a mesa.)*

Põe-te à vontade, Geraldo.

(Geraldo despe o casaco, enquanto Janeiro vai buscar a garrafa de vinho.)

Espiga *(erguendo-se da cama)* – Vamos a levantar, corpinho cansado. Na verdade, parecia mal que eu aqui ficasse, na sorna, e não lhes fosse dar uma ajuda.

Janeiro – Eu quero ver amanhã, quando for para lavar a loiça.

Espiga – É só chamar. Como sempre.

Janeiro – Como sempre.

(Sentam-se todos à mesa. Janeiro abre a garrafa e começa a servir o vinho.)

Geraldo – Aqui, com vocês, estou muito mais à vontade para fazer um brinde.

Janeiro – Ainda bem.

Geraldo *(acompanhando os outros num brinde)* – Pois seja à saúde de todos e às nossas melhores intenções.

(Bebem todos. Um breve silêncio.)

Marrafa – Podes lá ter as tuas razões, amigo Geraldo. Mas ou eu me engano muito ou ninguém percebeu o que se passou esta noite. Pois aquilo é coisa que se faça?

Espiga – Foi um escândalo como nunca se viu.

Geraldo— Os sentimentos destes ricos precisam de ser abalados de vez em quando. Para que se vão convencendo de que o Mundo está em vias de transformação.

Janeiro – E Portugal faz parte do mundo.

Marrafa – Que tal te pareceu o progresso da nossa terra?

Geraldo – Progresso?

Marrafa – Homem: o Café Império, por exemplo.

Geraldo – Não era o que fazia mais falta. Os cafés que havia já eram bastantes. E a quem é que ele pertence? Ao segundo latifundiário cá da região, depois do José Redondo.

Espiga – Estás bem informado.

Geraldo – Cheguei de manhã, e já tive tempo de conversar com muita gente.

Janeiro (*com ironia*) – Aposto que não sabes quem é o nosso presidente da Câmara.

Geraldo – Não sei? O mesmo de há vinte e cinco anos. Já era presidente da Câmara quando eu nasci. Tem-se aproveitado bem da situação.

Espiga – Já tem para cima de 7000 cabeças de gado. E, quanto a azeitona, não produz menos de umas 500 ou 600 toneladas por ano. Fora o resto.

Janeiro – O trigo, o vinho.

Espiga – E continua a emprestar dinheiros a juros muito elevados.

Janeiro – Ainda o mês passado ficou com mais duas terras, de hipotecas não liquidadas.

Geraldo – E são estes senhores que se permitem descontar aos trabalhadores a jorna dos domingos e dos dias de chuva. E que são muito capazes de gastar numa só noite, a jogar ou a beber, o que qualquer de nós recebe num mês inteiro.

(*Marrafa acende um cigarro.*)

Geraldo – E ao fim e ao cabo quem são os governadores civis, os presidentes das Câmaras e outras autoridades de mais ou menos peso? Estes cavalheiros. Que se queixam de que o desempenho destes cargos lhes dá muito que fazer, muitas preocupações, mas vão ficando nos lugares o mais

tempo que podem. Porque dali conseguem puxar os cordelinhos e manipular as pessoas como lhes convêm.

Janeiro – Estás muito calado, Marrafa.

Marrafa – Não tenho nada a dizer.

Espiga – Estamos a entrar-lhe em casa.

Marrafa – A entrar em casa... não é bem assim. O homem não é meu parente.

Janeiro – Umas vezes é e outras não, conforme te parece melhor, no momento. Ele não é teu compadre?

Marrafa – A minha mulher foi criada do Sr. Bicudo, antes de nos casarmos. E por isso ele aceitou ser o padrinho do meu mais velho, o Alexandre.

Espiga – E, sendo o Alexandre o mais forte e o mais bem constituído dos rapazes da nossa freguesia que naquele ano foram à inspecção militar, não é estranho que fosse ele precisamente o único a escapar à tropa?

Marrafa – Devo-lhe esse favor, confesso.

Janeiro – Mas também agora o moço tem de gramar a Legião Portuguesa...

Marrafa – Coitado de quem é pobre. E não é que o rapaz aprecie as fardas, as armas e todo esse género de coisas. Mas se não fosse assim, se ele não se tivesse inscrito na Legião Portuguesa, nunca o padrinho lhe arranjava aquele lugar de contínuo na câmara municipal. A condição foi mesmo essa.

Janeiro (*servindo o resto do vinho*) – Dividimos isto por todos.

Espiga – Deste vinho não tinhas tu em Angola, ó Geraldo!

Geraldo – Não. E até seria mal empregado. No lamentável estado em que me encontrava muitas vezes, uma simples mancheia de água que não fosse do charco já seria a melhor bebida do Mundo.

Janeiro – Deves ter muito que contar.

Geraldo – Se vos parece! Mas outro dia será, que a noite já vai adiantada.

Algum teatro, Volume I, Lisboa, Edição Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2009, pp. 345 a 350.

Do Desencanto à Revolta

Cena 3

No mesmo dia, em casa de D. Fradique Alvarenga.

Entra o Padre Simão Rodrigues, jesuíta, logo seguido do mercador.

D. Fradique – Queira Vossa Paternidade perdoar-me o atrevimento.

Padre Simão – Ora, por quem sois, D. Fradique Alvarenga. E até calhou bem, que há já uns dias não temos uma daquelas conversas, sempre tão proveitosas. Pelo menos para mim!

D. Fradique – E que não direi eu, Sr. Padre Simão Rodrigues?! Maior proveito é o meu, já que sou ignorante de muitas e infinitas matérias (particularmente nos domínios da nossa santa religião) que Vossa Paternidade tem para ensinar-me.

Padre Simão – Deixemos retóricas e apologias.

D. Fradique – Sentai-vos, por favor.

(Sentam-se ambos.)

D. Fradique – Tomei a ousadia de chamar-vos a minha casa. E mais ainda me desculpareis o pedido de urgência.

Padre Simão – Ora, ora. A boa amizade permite isso e muito mais. Estou ansioso por ouvir-vos.

D. Fradique – O caso é este: Bernardim de Montemor acaba de chegar a Lisboa.

Padre Simão – Oh Diabo! – (Retiro o nome do Espírito Maligno.)

D. Fradique – Chegou esta manhã, de Antuérpia. A nau *São Jorge*, da frotazinha paterna, como sabeis, imagino-a eu subindo o Tejo, ajoujadinha de todo. Não tanto de mercadorias – que aquilo é fraca gente de negócios – , mas das não sei quantas mil toneladas de entusiasmo do jovem Bernardim.

Padre Simão – Com que então, o rapaz vinha alvoraçado com a ideia de ser reitor do nosso querido Colégio Paulo III?!

D. Fradique – Pois também se compreende! E a verdade é que sempre lhe prometi o lugar.

Padre Simão – Mais grave seria cumprirdes a promessa, entregando a quem não é de inteira confiança um estabelecimento de ensino que, noutras mãos, muito poderá servir a nossa causa.

D. Fradique – Por outro lado, pensando bem, admito que isto possa despertar no meu coração alguns remorsos...

Padre Simão – Remorsos teríeis se vos decidísseis por Bernardim de Montemor.

D. Fradique – É um jovem em quem não deixo de reconhecer qualidades muito positivas: seriedade, erudição e cultura, capacidade de trabalho, entusiasmo... E, sobretudo, dificilmente me poderei esquecer de que ele é o marido de Catarina, a filha que Deus não me concedeu.

Padre Simão – Sr. D. Fradique: evitai que o vosso espírito, de ordinário tão grave e esclarecido, se enrede em sentimentos de vária ordem, que só podem prejudicar a viabilização do nosso projecto. (*Pausa.*) Podemos conversar à vontade? Vossa “sobrinha” não estará por aí perto?

D. Fradique – Ficai descansado. Ela e o marido foram a casa de Baltasar de Montemor. Por isso mesmo aproveitei esta ausência de ambos para enviar-vos recado, que viésseis...

Padre Simão – De concreto, meu bom amigo: em que pé ficaram as coisas, no termo dessa vossa conversa com Bernardim?

D. Fradique – Disse-lhe que não lhe poderia dar ainda uma resposta definitiva. Mas que aguardasse alguns dias, que, entretanto, tudo se haveria de esclarecer.

Padre Simão – Mas as razões... as verdadeiras razões...?

D. Fradique – Informei-o de que já não era o único pretendente ao lugar de reitor.

Padre Simão – Sim?

D. Fradique – Que me havia sido recomendada, com muito empenho, por alguém de muito peso e influência, outra pessoa igualmente qualificada. Bernardim, claro está, quis saber pormenores. Mas escusei-me a isso. Fez-se um grande silêncio, incómodo, entre ele e eu, que se prolongou por umas duas horas ou mais. Ao meio-dia, mesmo assim, tomámos a refeição em conjunto. A dado passo, ocupado cada um com o seu motreco de faisão, aconteceu falar

Bernardim dos seus últimos momentos em Antuérpia. Tudo preparado para a partida, chegou-lhe a visita de um amigo que ele diz ser muito querido.

Padre Simão – Quem poderia ser?

D. Fradique – Damião de Góis.

Padre Simão – Damião de Góis?! Visitas desse teor dispensaria eu muito bem!

D. Fradique – Disse que Damião o tinha festejado muito, ao saber da expectativa com que regressava a Portugal: a de ser reitor do novo colégio...

Padre Simão – *Vade retro...!*

D. Fradique – Mais: que o dito Damião de Góis se dispunha até a enviar-lhe uma carta de empenho e recomendação, para, se necessário fosse, em qualquer emergência...

Padre Simão – Finório! Como se adivinhasse qualquer barbicacho. Ora Damião de Góis deveria convencer-se, de uma vez por todas, que Portugal é um país católico por excelência.

D. Fradique (*com certa ironia*) – Mas que pretendeis dizer, Padre Simão Rodrigues? Que Damião de Góis se afasta algum tanto do correcto e verdadeiro caminho da nossa santa religião?

Padre Simão – Cala-te, boca!

D. Fradique – Mas não foi o nosso catolicíssimo rei D. João III que o nomeou, há-de haver uns dezasseis ou dezassete anos, escrivão da Feitoria de Portugal em Antuérpia?

Padre Simão – Ora! Eram ainda muito novos, tanto o João como o Damião. Andavam ambos pelos 20 anos. Por uma desconforme coincidência, nasceram ambos em 1502.

D. Fradique – Meu Deus! Sabeis todas essas miudezas!

Padre Simão – E muito mais vos poderia referir.

D. Fradique – Em todo o caso, pretendeis insinuar que o nosso querido rei D. João III, aos 20 anos, seria um tanto ou quanto desavisado, digamos: inexperiente...

Padre Simão – E que Damião de Góis, com os mesmos 20 anos, andaria ainda pelo verdadeiro caminho de Nosso Senhor Jesus Cristo, o que, como é óbvio, não daria lugar a qualquer suspeita...

D. Fradique (*levanta-se e põe-se a passear na sala, de lado a lado*) – É um bom argumento. (*Pausa.*) Mas repare Vossa Paternidade que no ano de 533 – e recorde-me de um assunto grave que tive de tratar com ele – o nosso Damião de Góis estava já em Portugal, nomeado tesoureiro da Casa da Índia. E nomeado por quem? Pelo mui excelente e piedoso rei D. João III. Que devemos então concluir daí? Que, passados dez anos, Damião de Góis continuava a ser insuspeito?

Padre Simão – Antes de mais, convém lembrar que Damião de Góis, investido nas suas funções de Tesoureiro da Casa da Índia, não tardou em desembaraçar-se do honroso cargo. E Deus seja louvado por tal benefício! Porque – isso sei eu muito bem – , com o pretexto de ir em peregrinação a Santiago de Compostela, do estrangeiro escreveu ao soberano, pedindo-lhe exoneração do lugar e dispensa de qualquer actividade diplomática. Motivo alegado: a continuação dos estudos.

D. Fradique – Mas que terá ele feito naquele espaço de dez anos, Padre Simão?

Padre Simão – Ora! Aguentou-se ainda uma meia dúzia de anos como escrivão da nossa Feitoria de Antuérpia. Depois foi-lhe o nosso inocente D. João III pedindo diversas missões, na Polónia, na Lituânia, na Dinamarca... Entretanto, ainda antes de iniciar os estudos na Universidade de Lovaina, passa por Vitemberga onde convive – imagine-se! – com Lutero e Melancthon!

D. Fradique – Que me dizeis?! Damião de Góis é de certeza um homem muito mais suspeito do que se poderia imaginar! – E como é possível que o nosso catolicíssimo rei não tenha conhecimento de quem é o audacioso personagem?!

Padre Simão – Terá conhecimento, descansai, terá conhecimento. Deixai-me cumprir o meu percurso, paulatinamente. – Ah, mas a audácia do herege Damião de Góis! (*Levanta-se e põe-se também a passear de um lado ao outro.*) Ainda encontrou ocasião de dar um salto a Friburgo, para conhecer e conviver com Erasmo!

D. Fradique – Erasmo!

Padre Simão – Com quem, ao longo de oito meses, estudou Humanismo e – aqui é que estava o perigo – Re-li-gi-ão!

D. Fradique – Não, por certo, a verdadeira, a de Nosso Senhor Jesus Cristo! – Só me admiro como Vossa Paternidade conhece tanto acerca de Damião, o renegado. (Que estou convencido que o é!)

Padre Simão – Pois vou tomando as minhas notas. (*Pausa.*) E não sabeis que, no ano de 534, estudando eu em Pádua, cheguei a ser companheiro de quarto do mesmo Damião?!

D. Fradique – Caio das nuvens! Nunca tal coisa me disse Vossa Paternidade!

Padre Simão – Pois não admira, Sr. D. Fradique! Se nos conhecemos há tão pouco tempo! E só agora veio a propósito referir o caso.

D. Fradique – Estou perplexo com as vossas revelações.

Padre Simão – Bem vedes, meu excelente amigo: uma carta de empenho e recomendação assinada por um Damião de Góis...

D. Fradique – ... herege com todas as letras...

Padre Simão – ... não é, admitamos, o documento que mais convenha ter em consideração. Aliás, interessa muito salientar que Damião de Góis fora expulso de Friburgo, pelas suas ideias pró-luteranistas e erasmistas. Por isso Erasmo o aconselhara a ir estudar para Pádua.

D. Fradique – Condenando o comportamento de Damião de Góis, implicitamente condenais Bernardim de Montemor, seu indesmentível simpatizante. Porque, é certo e sabido, navega nas mesmas águas corruptas de traição à santa doutrina de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Padre Simão – E, no entanto, bem me custaria dizê-lo tão às claras. Bernardim – por desgraça nossa – alcançou o amor de D. Catarina, que, sendo vossa pupila, em boa justiça considerais como sobrinha. Bernardim é, por assim dizer, um quase-parente vosso.

D. Fradique – Fosse ele meu irmão de sangue! Coragem teria eu para extirpar da minha própria família a chaga que a pudesse contaminar. Ah, agora vejo que foi Deus Nosso Senhor que me enviou Vossa Paternidade, para esclarecer o meu espírito e desviar-me do erro em que certamente iria cair!

Padre Simão – E eu só agradeço ao Altíssimo o ter-se dignado utilizar-me como instrumento da Sua clarividência. (*Pausa.*) Não, meu fraternal D. Fradique Alvarenga! Portugal tem de ser preservado da praga devastadora das doutrinas heréticas! E o nosso ilustre e catolicíssimo rei D. João III tem de

compreender isto de uma vez por todas! (*Aproximando-se de D. Fradique.*) Ainda há poucos dias tive o honroso privilégio de ser recebido por Sua Alteza, num jantar íntimo. Aproveitei para falar-lhe dos perigos de contaminação ideológica. Creio que o convenci da necessidade de acabar com o patrocínio aos estudantes portugueses em universidades estrangeiras.

D. Fradique – De que beneficiaram Damião de Góis, Bernardim de Montemor e outros muitos, que hoje são a causa da nossa vergonha e do nosso receio.

Padre Simão – Pois estou muito convencido de que Sua Alteza não tardará a proibir que os nossos estudantes recebam graus universitários além-fronteiras.

D. Fradique – Isso parece-me bem, Sr. Padre Simão. Isso parece-me bem!

Padre Simão – Muito acertada foi a vossa decisão, Sr. D. Fradique, ao desviardes uma pequena parte dos vossos bens – que o Céu vos concedeu, porque o mereceis! – para a criação do nosso querido Colégio Paulo III. Além do mais, que útil poderá ele vir a ser à causa das nossas missões em terras de infiéis!

D. Fradique – Assim possa Vossa Paternidade ajudar-me, conforme prometeu!

Padre Simão – Antes que eu possa ajudar-vos... ajudai-me vós a mim. Quebrai as amarras do pernicioso e nefasto compromisso – sabeis perfeitamente ao que me refiro – e este barco seguirá de velas pandas... e de vento em popa.

Algum teatro, Volume II, Lisboa, Edição Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2009, pp. 129 a 136.

O Marido Ausente

[...] *No jardim exuberante desperta uma aragem, que agita ao de leve o diáfano cortinado da porta envidraçada aberta de par em par. E o mais estranho, pelo menos aos ouvidos do médico, será o crescendo de uma melodia turca, gemidinha nas guslas e cadenciada pelos tamboris, que sub-repticiamente invade o escritório-biblioteca.)*

Penélope – Ó Zeus, digna-te encobrir com uma nuvem discreta o entrevistador visitante. *(E estende o braço na direcção do neurologista.)* Melhor dizendo: queira fazer o favor de afastar-se um pouco e ocultar-se por aí, em qualquer desvão. *(E vai sentar-se no seu cadeirão-trono.)*

(Procede o médico conforme as indicações recebidas. Fica, no entanto, vagamente aparente, na penumbra de um recanto. Na mão, sempre o dossier de cabedal, em que continuará tomando uma nota ou outra.

De olhos semicerrados, Penélope mantém, por um instante, a cabeça recostada para trás.

Vindo do jardim, entra Solimão, o Magnífico, sultão da Turquia, aparatoso e imponente no seu traje do século XVI.)

Solimão – Que as bênçãos de Alá te cubram, inefável, encantadora Penélope!

Penélope *(fingindo despertar)* – Ah, és tu, Solimão, o Magnífico? *(Estende-lhe a mão, que ele beija respeitosa e langorosamente.)*

(O Dr. Sotiris espreita, curioso.)

Penélope – Vens da Turquia? Ou continuas a ocupar, no meu palácio, o aposento que te foi destinado?

Solimão – Venho da Turquia. Pois não te recordas que interrompi a minha maravilhosa permanência junto de ti e me ausentei, para uns negócios de Estado no meu país?

Penélope – Ah, é verdade. Agora me lembro. São tantas as chegadas e partidas, aqui neste palácio... Os pretendentes andam numa roda-viva.

Solimão – Mas, minha querida Penélope: a partida do sultão da Turquia – ainda que para uma ausência relativamente breve – não devia passar

despercebida. Tanto mais que estive aqui, nesta mesma sala, uma tarde inteira, em amena conversa contigo...

Penélope – Sim?

Solimão – ... e apresentando, com o maior respeito, as despedidas oficiais. Não te recordas, rainha adorável? (*Pausa.*) Pois se até nesse momento te ofereci um colar, jóia resplandecente...

Penélope – De rubis?

Solimão – Não, meu amor: de esmeraldas. O mais precioso que encontrei no meu tesouro.

Penélope – Ah, tenho uma ideia. Mas também deves compreender, Solimão. Uma mulher como eu, a quem os mais insígnies pretendentes prestam homenagem, que se vê obrigada a receber presentes valiosos de toda a espécie...

Solimão – Não és, a bem dizer, obrigada a receber os presentes.

Penélope – Ora não sou! Claro que me vejo obrigada a recebê-los. Não fosse eu uma rainha!, senhora de uma educação requintada! O que não sou é obrigada a abrir aos pretendentes a porta do meu quarto. Muito menos a recebê-los e a aquecê-los nos entrefolhos do meu leito!

Solimão (*quase para si próprio*) – Senhora de uma educação requintada!

Penélope – As leis da hospitalidade também têm os seus limites. Recordo muito bem as várias leituras que fiz do *Livro de Cortesia e Etiqueta*, expoente máximo da cultura, da civilização... micénica. (*Apontando-lhe o tamborete.*) Senta-te, sultão.

(*Ele executa e toma ares de importância.*)

Solimão – Ninguém te pede, adorável rainha – eu pelo menos não tenho essa pretensão –, que faças circular pelo teu leito, que foi do famigerado Ulisses...

Penélope – ... ou será ainda...

Solimão – ... todos aqueles que, deslumbrados com os teus encantos, desejam casar contigo. Mas bem poderias reconsiderar as tuas razões. Porque... das duas uma. Ou a morte de Ulisses é um facto concreto, doloroso mas irremediável, ou o celebrado herói está ainda entre os vivos e, nesse caso, já teria havido tempo para o seu regresso.

Penélope – Sim. Admitindo que não esteja prisioneiro, em qualquer parte desse vasto mundo. Na Turquia, por exemplo.

Solimão – Na Turquia? *(E solta uma sonora gargalhada.)* Não, minha querida Penélope. Por que motivo estaria Ulisses prisioneiro na Turquia?

Penélope – Digamos... por uma simples estratégia política... e sentimental.

(Solimão solta nova gargalhada. Depois, caindo de joelhos, arrasta-se até aos pés de Penélope. Toma-lhe a mão e beija-a.)

Solimão – Bradam aos céus, formosa rainha, as enormidades que saem da rosa da tua boca. Fertilíssima é, realmente, a tua imaginação!

Penélope – Pronto, pronto, sultão. De pé!

(Levanta-se o sultão e torna a sentar-se no tamborete.)

Solimão – Voltarei aos meus aposentos. Onde continuarei aguardando, inefável rainha, o favor da tua visita.

Penélope – Bem podes aguardar, Solimão, o Magnífico. De todos é bem conhecido, neste palácio, que não é meu costume visitar os pretendentes. Limito-me a recebê-los, dando cumprimento às leis da hospitalidade.

Solimão – Mas poderei ao menos saber quando nos darás, a nós, candidatos à tua mão, uma resposta minimamente satisfatória? Quando haverás por bem escolher aquele que será teu marido?

Penélope – Como hei-de escolher um segundo marido sem saber se perdi o primeiro? Parece-te razoável que uma rainha grega se arrisque a ser apontada como transgressora das sagradas obrigações do matrimónio? Isto não é território turco.

Solimão – Por enquanto... não é.

Penélope – Aqui – salvo raríssimas exceções – cada mulher tem o seu marido; cada marido, a sua mulher. E basta!

Solimão – Que pena é, na verdade, que sejas tão obstinada. Não acreditas que, sendo eu Solimão, o Magnífico, sultão da Turquia, disponho de todos os meios e vantagens para tornar-te a mais feliz das esposas?

Penélope – Ora, não tardaria que repartisses com outras esposas e com um sem-número de concubinas do teu harém o amor que me tivesses garantido como privilégio.

Solimão – Falas de privilégio? No amor? Que privilégio foi o teu nestes últimos vinte anos? O da solidão. Duro, pesado, difícil privilégio! E dele não estás ainda cansada, rainha Penélope?

Penélope – O meu privilégio é o da fidelidade.

Solimão – Prometeste, continuas a prometer a cada um de nós, pretendentes, que, quando terminares um certo trabalho literário...

Penélope – Mais concretamente: uma peça de teatro.

Solimão – Uma peça de teatro? Melhor. Faremos representá-la nos nossos palácios da Grécia e da Turquia. (Oh, o vasto Império Otomano não pára de crescer!) Faremos representar esse drama...

Penélope – ... comédia dramática.

Solimão – ... pelos muitos grupos de teatro de “Karaghioz”. Sabes de que se trata? De um teatro de sombras, com figuras de fino recorte, animadas por meio de umas varetas. Aliás, é um forma teatral, interessantíssima, que temos de implantar aqui, na Grécia.

Penélope (*com certa altivez*) – Nós temos as nossas próprias formas teatrais. A tragédia grega, por exemplo, cuja temática é riquíssima, algumas vezes terrificante. Na *Medeia*, de Eurípedes, há uma verdadeira personificação das forças irracionais da Natureza. Porque, vingando-se do marido, que a abandona, a protagonista mata os filhos que dele tivera. E o *Édipo-Rei*, de Sófocles? Esse, ao reconhecer que, transviado pelo Destino, assassinou o pai e casou com a mãe, Jocasta, arranca a si mesmo os olhos!

Solimão – Tragédia? Pelo nome e pelas indicações que me dás, suspeito que será um género demasiado assustador e lacrimajante. (*Pausa.*) Mas ouve lá, rainha Penélope. Qual é o assunto dessa tal comédia dramática, que parece interminável? A desmedida e duradoura existência de Matusalém?

Penélope – O assunto? A fidelidade conjugal.

Solimão – Ui! Desculpa a franqueza: não me parece muito interessante.

Penélope – Isso diz-me respeito. A mim, apenas. Porque sou a autora. Rectifico: não sou a autora. Mas procuro reconstituir, de memória, um texto em que Ulisses, meu malogrado esposo, trabalhava antes de partir.

Solimão – És, assim, uma espécie de médium. Ele vai ditando a comédia no reino dos mortos, através da bruma que vos separa, e tu vais escrevendo, escrevendo, até ao fim dos séculos dos séculos.

Penélope – Mas retira-te, por favor. *(Levanta-se e dirige-se ao sultão.)* Recolhe, Solimão, aos teus aposentos. Quero ficar só. É que sinto precisamente uma inspiração divina. Quero sentar-me à minha *Remington*. *(De súbito:)* *Remington* ou *Underwood*? *(E vai certificar-se da marca da maquina.)* *Remington*. “Made in USA.” Tenho a certeza de que vou escrever páginas e páginas definitivas. Oh, sim. Páginas definitivas!

(Tendo-se erguido o ostentoso sultão da Turquia, Penélope encaminha-o para a saída, a porta envidraçada que deita para o jardim. O cortinado recomeça a agitar-se brandamente. Volta a ouvir-se a melodia turca.)

Solimão – Sendo assim, formosa rainha, retiro-me para os meus aposentos. E ficarei aguardando, tal como os outros pretendentes (quem me dera matá-los!), a tua sapiente e judiciosa decisão.

Penélope – Vai, sultão, vai. Antes que a inspiração se me desvaneça.

Solimão *(extraíndo do bolso interior do peito um colar de turquesas)* – Toma este pequeno contributo. Seja ele um estímulo para a tua inspiração. *(E lança-lhe o colar ao pescoço.)*

Penélope – Agradeço muito a gentileza. Esta jóia, como as que recebi anteriormente, não te garante qualquer preferência, qualquer vantagem na minha resolução.

Solimão – Eu espero. Eu espero.

Penélope – Adeus.

(Sai o sultão, afastando o cortinado diáfano, que por uns momentos ainda continua esvoaçante. E dissipa-se a melodia turca. [...])

Algum teatro, Volume III, Lisboa, Edição Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2009, pp. 135 a 140.

Onésimo Teotónio Almeida

“Os leitores não familiarizados com as personagens reais do 1º e 3º actos, por algumas delas serem menos conhecidas a nível nacional, poderão encontrar no final umas breves notas biográficas sobre as mesmas. [...] É recomendável a leitura prévia dessas notas.”

No Seio Desse Amargo Mar

I Acto

Cena 1

(Jovem)

(Jovem, 20 anos, sentado numa poltrona, num dos lados do palco. Apenas uma luz sobre ele.)

Jovem – Ah! Se Antero voltasse!... Mas onde estará ele?...

(Levanta-se e dirige-se ao público.)

A primeira vez que me aconteceu, não entendi nada. Não sabia o que eram alucinações mas supus que ficara sabendo. Sensação estranha essa de ser transportado para um mundo absolutamente singular, em que nada era bem definido. Sombras, perfis de gente que se movia e falava. Luz muito branca. O som das suas vozes tinha um eco melodioso. Lembro-me de perder o medo inicial e me ter deixado ir. Não sei para onde. Era difícil de precisar. Sentia-me como que levado para baixo da superfície dos mares. Mais tarde pensei mesmo que tinha tido acesso à Atlântida. Imaginei que talvez os filósofos tivessem interpretado mal Platão e que a Atlântida não seria o mundo da utopia, mas o das origens. O tal mundo da realidade de que nos fala, e aonde regressam os que já vieram fazer a sua viagem ao mundo das sombras. De qualquer modo, era ainda como sombras que eu podia captar os movimentos das pessoas, para lá da cortina que separa os dois mundos – o meu, o das sombras, e aquele que me era dado contemplar ainda que a um certa

distância. Com sucessivos transes, desfiz hipóteses e confirmei outras. Não levou muito até que descobrisse que naquele espaço de luz se encontrava habitualmente, para cavaquear, um grupo de açorianos. E não só. De uma das vezes vi um continental de nome Raul a falar das ilhas com enorme entusiasmo, e ouvido com tal interesse pelos açorianos como se tivesse coisas a ensinar-lhes sobre a sua própria terra. E até estrangeiros tenho visto passarem por lá. Já vi uma vez dois irmãos ingleses em conversa fiada sobre as Furnas. Tanto quanto consigo decifrar, o que parece que afinal os une são os Açores. Mesmo quando falam de outras coisas, dá a impressão de existir ao menos uma ligação directa ou indirecta a esse mundo das sombras, que lhes deve ficar mais ou menos por cima, quase vertical. Como referência fácil, habituei-me a chamar-lhe a “Casa dos Açores da Atlântida”. Mas não sei ao certo. Quase tudo conjecturas. Hipóteses. Palpites.

Pelo perfil e movimentos do corpo, fui-me familiarizando com os seus nomes e personalidades. Já conheço mesmo umas boas dezenas deles. Quase tudo homens, mas algumas mulheres também, embora poucas. Uma delas, faladora e destemida, aparece de vez em quando. Um dos mais fiéis frequentadores do local, Roberto, ou Mesquita como à vezes lhe chamam, tem um sotaque não muito identificável, mas é lá das bandas das ilhas do oeste. O outro, uma linda voz que bem poderia ser de Coimbra, chama-se Antero. Quando está de perfil, distingue-se dos outros todos. A barba e o recorte da frente fazem lembrar uma figura grega. Até porque fala às vezes como Sócrates, mas num corpo de estátua entre Apolo e Demóstenes... Ah! Se eu um dia o visse em carne e osso aqui ao pé de mim!...

Os transes intensificaram a sua frequência e eu agora até os procuro. Quando os pressinto, (senta-se na poltrona e poisa a cabeça sobre os joelhos) sento-me... fecho os olhos... e deixo-me ir...

Cena 5

(Nemésio, Domingos Rebelo, Côrtes-Rodrigues, Antero, R. de Mesquita)

Nemésio – Olha o Domingos Rebelo! Há tanto tempo sem aparecer por aqui... Bons olhos te vejam!

Domingos Rebelo – Ainda vinha eu longe e já sabia o tema da conversa: pancadaria entre São Miguel e a Terceira.

Côrtes-Rodrigues – A brincar, a brincar... Passando o tempo...

Domingos Rebelo – Que pena! Já vinha preparado com a última piada aos terceirenses para contar ao Nemésio. É que piadas nunca são apenas a brincar...

Nemésio – Venha ela!

Domingos Rebelo – Vocês lembram-se daquele quadro de Salvador Dalí com três relógios derretidos e espapaçados a desfazerem-se e a caírem de uma mesa e de uma árvore como um bolo de sertã antes de ir o forno?

Côrtes-Rodrigues – Bem, o Mesquita e o Antero não sabem de que se trata, mas venha a piada.

Nemésio – (Para Côrtes-Rodrigues) Não me digas que ainda não adivinhaste!

Domingos Rebelo – Porquê? Já conheces?

Nemésio – Não, mas é previsível. Vais dizer que o Dalí usou como modelo relógios da Terceira, não é?... Previsível e fraca. Não tens outra melhor?

Domingos Rebelo – Bom, mesmo que tivesse, agora é a vez de te vingares. Tens alguma também de pintores?

Nemésio – De pintores não, mas de pintura... Que nome se deve dar a um quadro representando a cabeça de um micalense?

Domingos Rebelo – Também creio que posso adivinhar a tua resposta: natureza morta!

Nemésio – Estamos quites.

Domingos Rebelo – Bom... e agora ao que me trouxe: o meu venerável amigo Antero quando é que finalmente se digna passar-me lá pelo atelier para combinarmos a feitura desse seu retrato?

Antero – Simpático, hein?... Depois de uma piada dessas queres fazer um quadro de natureza morta om a cabeça deste micalense!

Domingos Rebelo – Até aqui foi na graça, Antero, mas eu agora estou a sério. Quero pintar-te o retrato.

Antero – Mas tu já fizeste um, que por sinal é dos que mais gosto.

Para quê fazer outro? Ele não falta para aí gente que certamente não se importaria nada de se sentar horas e horas num atelier para ter um retrato da tua autoria.

Domingos Rebelo – É simpático o cumprimento, Antero, mas o que eu fiz não é um retrato. Já te contei como foi. Colori apenas a ampliação de uma fotografia.

Antero – E isso não basta?

Domingos Rebelo – Evidentemente que não. Há quanto anos ando eu atrás de ti para acederes ao meu pedido?

Antero – Não tantos quantos ainda andarás, suponho. Se conservar sempre o meu juízo. O que me aconteceu não é pr'a voltar a repetir-se.

Domingos Rebelo – Eu sei. Mas isso não foi comigo! O meu estilo de pintura não é o do Columbano! Não tenho pretensões a ser mais do que um bom naturalista...

Côrtes-Rodrigues – E eu que o diga. Ó Antero, ele fez-me vários e não estou a ser modesto se disser que me favoreceu muitíssimo. Esquece-te dessa do Columbano. Mais do que admiração ele tinha uma indescritível veneração por ti. Achava que eras um santo e tecia enormes elogios ao teu modo de ser e de conviver. Ficava deslumbrado com a tua simplicidade e erudição. Alimentou durante anos aquele desejo de te poder retratar.

Antero – E lá por ele ter na sua que eu era um santo achava que eu ia gostar de me ver assim com aquele ar de parvo. Aquilo pode ser uma pintura muito boa, mas não tem nada a ver comigo.

Pareço um nefelibata sem vida, um eremita de ar tenebroso após quarenta dias de jejum e abstinência.

Côrtes-Rodrigues – Também não sejas injusto. É verdade que os teus olhos são azuis e ele usa cores indefinidas. Mas tanto isso como a cara alongada tem a ver com intenções estéticas de escola. Tu sabes bem disso. Ele serviu-

se de ti para criar uma figura meio à Velasquez meio à Greco. Andava em voga esse regresso dos espanhóis.

Nemésio (Para Antero) – Afinal sempre é verdade que nunca quiseste o quadro em tua casa não por, como dizias, ela ser pequena e não ter espaço bastante, mas porque não gostavas dele! Então foi por isso que o quadro foi parar a casa do Oliveira Martins!... Agora percebo.

Antero – Tive de ser delicado com o homem. Ele era muito bom pintor e uma excelente criatura.

Domingos Rebelo – Quer dizer: tivesse eu nascido mais cedo uns anos...

R. de Mesquita – Ou o Antero não tivesse tido tanta pressa em vir para aqui...

Domingos Rebelo – ... e eu ter-te-ia feito um retrato a tempo de evitar que ficasses escaldado de pintores... Pois é! O Mesquita diz bem: estavas com pressa de vir. Não sei se sabes que isso foi exactamente no ano em que eu nasci, com pouquíssimos meses de diferença. Quando era garoto, e brincava no Campo de S. Francisco, ouvia falar constantemente daquela tragédia.

Côrtes-Rodrigues – É verdade. Nascemos no mesmo ano. E nem a poesia de nós os dois juntos pôde preencher a falta que por lá fizeste, Antero.

Antero (Com um tom triste) – Deixem-se vocês disso... É melhor não me falarem no assunto. Mudemos de conversa. (Recuperando o tom normal) Contem-me lá, por exemplo, como é que foi possível naquela conservadoríssima Ponta Delgada publicar-

-se um manifesto revolucionário de um tal italiano... Como é a história Armando? Já me contaste, em tempos, mas não me lembro bem... Daquele movimento em que te envolveste com o Pessoa...

Côrtes-Rodrigues – Ah! O Manifesto Futurista de Marinetti!... Foi verdade! O Figaro havia-o publicado em Paris em Fevereiro e o Luís Bicudo fez sair no Diário dos Açores a primeira tradução em Portugal, logo em Agosto. E isso em Ponta Delgada!

Nemésio – Bem... De duas, uma: ou ninguém lia o jornal, ou ninguém entendeu o Manifesto.

Côrtes-Rodrigues – Essa agora foi boa piada. Ficas com uma em crédito cá no meu rol e hei-de pagar-me num futuro muito próximo. Não perdes pela demora.

Nemésio – Bom. Também os tempos eram outros. Havia as liberdades da República...

R. de Mesquita – Depois, foi um ar que vos deu.

Nemésio – É verdade! Ó Domingos, tu mais o Armando por pouco não fundavam um convento de franciscanos em São Miguel.

Domingos Rebelo – Meu Deus! Que exagero!

Nemésio – Um modo de falar. Sabes o que quero dizer. Como é que passaste da França para franciscano? De facto, só no dicionário é possível encontrar essas duas palavras perto uma da outra... Os Açores foram sempre terreno fértil para o franciscanismo, mas nunca isso chegou tanto às artes profanas como com vocês os dois. Olha que isto agora não é a gracejar – que eu até gosto daquele quadro da Morte de S. Francisco – mas é um fenómeno curioso... É coisa para investigar... A propósito de S. Francisco, devo dizer-vos que discordo do que a Alice Moderno escreveu num jornal sobre a crueldade dos micalenses para com os animais. Mais de uma vez ouvi lavradores de S. Miguel tangendo as vacas e procurando fazer caminho por entre gente dizendo, referindo-se às alimárias: “Eh! Deixa passar essa alminha de Deus!”

Domingos Rebelo – O Nemésio vai começar a lembrar-se de ligações filológicas, históricas e folclóricas sem fim e eu tenho que ir pintar. As minhas palavras são as tintas, o que não quer dizer que me esteja nas tintas para as tuas, Nemésio, mas... tenho de ir. Não digo que perdi o meu tempo, porque a vossa companhia é-me sempre agradável, mas vou frustrado porque falhei mais uma tentativa de levar o Antero ao meu atelier. Não desisto, porém. E quando vocês estiverem aborrecidos deste recanto, vão até aos meus lados para uns dedos de conversa. Ultimamente têm-me aparecido o José Bruno Carreiro, o Afonso Chaves e o Canto da Maya, que anda a fazer umas esculturas maravilhosas. Mas lá por eles serem de São Miguel (com malícia) não fecho a porta a ilhéus. Ouviram, Nemésio e Mesquita? O António Dacosta chegou há dias e traz notícias frescas. Ele não é micalense e tem aparecido por lá. Apareçam também vocês. Até um dia destes.

Nemésio – Não borres muito!

Côrtes-Rodrigues – Excepto se pintares o nariz do Nemésio!

Cena 6

(Todos menos Domingos Rebelo)

R. de Mesquita – Tem mais sorte do que eu o Domingos. Enquanto pinta, distrai-se e o tempo passa depressa. Quem teve a desdita de nascer poeta como eu... como nós, nunca alivia cabeça.

Antero – Eu já te recomendei várias vezes que saíesses desta ilha onde estás sempre metido e fosses dar uma volta e conversar com outra gente. Nem sequer gostas de ir às sessões do Periscópio!

R. de Mesquita – O que vai lá por cima, pela superfície, não me importa. Além disso, bem sabes que, na outra vida, sempre preferi também o cantinho da minha ilha. Conheço muita gente só dos livros. Em pessoa? Bem... Gosto de conversar com vocês... e com os patrícios ilhéus que aparecem por aqui...

Nemésio – A propósito, os nossos amigos lá desses teus lados e tempos da Horta nunca mais apareceram por aqui. Que é feito deles?

R. de Mesquita – Têm vindo, mas com menos frequência. Esteve aí há dias o Rodrigo Guerra, com uma americana cuja única satisfação é passar serões no que eles chamam uma adega do Pico. O Manuel Greaves conta aventuras de baleeiros e não só, o Florêncio Terra debulha memórias e historietas do mexerico local na Horta daqueles coloridos anos da viragem do século, e a americana adora ouvir aquilo. Parece que mete angelica e tudo. Vê lá tu que até o padre das Bandeiras também costuma aparecer nas farras!

Antero – O Nunes da Rosa? Não me admira nada!... E ele sempre irá avante com essa de recriar a sua tipografia?

Nemésio – É louco! Influências americanas. Não é impunemente que se nasce na Califórnia. Nunca percebi como é que um homem habituado à imensidão da América se adapta aos Açores.

Antero – Ó Nemésio, e aquele moço da Terceira que às vezes vem aí e a quem disseste que fazia uns poemas que precisavam de ser melhor acabados, tem aparecido?

Nemésio – Sim. Ainda não me perdoou o comentário. Disse-me que queria os versos era mesmo assim inacabados. Modas novas!...

Mas é bom rapaz. Bom lavrador de ilhas e de palavras.

R. de Mesquita – *(Para Nemésio)* Mas isso é natural. Se eu por lá andasse hoje não escreveria poesia simbolista.

Nemésio – De acordo, homem! Mas o rapaz até sabe que eu era aberto nisso de poesia moderna. Suponho que teria gostado de um pouco mais de estímulo. Mas ele conta coisas muito interessantes do que por lá andavam a fazer quando veio de modo tão trágico. Não se esqueceram de nós, ao que parece. Ao menos segundo o que ele diz. Lêem-nos, ainda que às vezes só em fotocópia.

Antero – Foto quê?

Antero – Já ouvi referência a isso no Periscópio.

Nemésio– É um processo moderno de roubar autores. Aumentam as tiragens sem lhes pagar.

III Acto

Cena 1

(Jovem)

(Num dos lados do palco, à boca de cena, sentado numa poltrona com luz a incidir apenas sobre ele)

Jovem – Depois daquela desastrosa experiência de Lisboa, refugiei-me nos meus transe. Estava farto do mundo à minha volta. Durante meses vivi obcecado. Dava tudo por tudo por um transe. Tornei-me dependente. Alienei-me em absoluto. Felizmente tenho vivido em paz nos últimos meses. Quando detecto sintomas de um transe iminente, vou para o ar livre e faço exercício. Estava a tornar-se-me uma doença, esse voyeurismo, como se passasse o dia de focinho contra a porta de vizinhos a espreitar-lhes pelo buraco da fechadura. Valeu-me o meu analista. [...] É que não sou eu o único voyeur. Na Atlântida, no último domingo de cada mês, há o Serão de Periscópio. Quem disse que os mortos não se importam com o mundo que deixaram? Vão lá vê-los a abarrotar as salas, de olhar preso no que parece ser um ecrã gigante na base de um periscópio monumental que transmite imagens da superfície da terra. Um deles, um louro que, mais tarde vim a saber que era Antero, é um fanático. Deixa tudo para ir às sessões. Pela-se por saber as voltas que por cá vamos dando... *(Longa pausa)* Senti há pouco os sintomas que costumam preceder

os momentos de transe. *(Pausa)* Não vou resistir. Vou-me deixar ir para satisfazer a minha curiosidade. Pode ser que tenha a sorte de apanhar mais uma sessão de Periscópio. *(Põe a cabeça entre as mãos. Momentos de silêncio.)* Não... Parece que não... *(Apaga-se a luz sobre ele)*

Cena 2

(R. de Mesquita e Côrtes-Rodrigues)

(O mesmo cenário do I Acto)

R. de Mesquita *(Para Côrtes-Rodrigues)* – Não me venha com essa religiosidade do povo micaelense. Para mim, aquilo é demais!...

Côrtes-Rodrigues – Mas tens que compreender... Os abalos de terra, os vulcões...

R. de Mesquita – E as outras ilhas não os têm?

Côrtes-Rodrigues – As tuas Flores, por exemplo, que sabem de terremotos?

R. de Mesquita – Pois talvez não sejam o melhor termo de comparação, mas olha a Terceira. Não lhe faltam safanões na terra e nem por isso deixou as touradas.

Côrtes-Rodrigues – Mas nada de isso se compara com S. Miguel. Quando a terra treme é de fazer enfraquecer as pernas e cair toda a gente de joelhos.

R. de Mesquita – É aí que está a diferença. O Deus micaelense é triste, mas não foi a terra que o fez. Foram os micaelenses. Basta ver a imagem do Santo Cristo.

Côrtes-Rodrigues – Cuidado com os saltos fora do tapete da História. Podes escorregar. A imagem veio de Roma. Foi oferta de um Papa.

R. de Mesquita – Precisamente. No entanto, o povo revê-se nela. Há outras imagens na ilha, mas a mesma gente que se reduz à condição zero, de xaile e bordão a cantar aquela desoladíssima Ave-Maria dos romeiros, é que prefere o rosto tristíssimo daquele Santo Cristo.

Côrtes-Rodrigues – Oh, Roberto! Tão funda, tão linda que é a Avé-Maria dos Romeiros!...

R. de Mesquita – Vês? Nem tu escapas.

Côrtes-Rodrigues – Falas como se as Flores ficassem noutra planeta.

R. de Mesquita – Às vezes até me parece que sim. Somos menos dobrados ao chão.

Côrtes-Rodrigues – Mas a tua religião também está muito ligada à natureza. Já cheguei a duvidar se não era ela mesmo. A natureza.

R. de Mesquita – Se calhar. Mas vê-se logo que nunca foste às Flores. Ante tanta beleza, pode lá imaginar-se outro Deus? Tu, Armando, viste o teu Deus no povo, por dó daquela miséria social que te inundava os olhos e os passos... Olha, vem aí o Nemésio e vais ouvi-lo. Se ele começa, nunca mais acaba. Ele também nunca conseguiu entender a alma micaelense. Diz que ela se vira do avesso ante tudo o que pareça divindade.

Côrtes-Rodrigues – Mas eu também não estou interessado na divindade da terra dele: o Espírito Santo alegrote e vingativo nos cornos dum touro...

No Seio Desse Amargo Mar, Lisboa, Edições Salamandra, 1992

Notas biográficas sobre as personagens reais que figuram nesta peça

CÔRTEZ-RODRIGUES, ARMANDO – Nasceu em Vila Franca do Campo, S. Miguel, em 1891, e faleceu em Ponta Delgada em 1971. Amigo de Fernando Pessoa, colaborou com ele no Orpheu, sob o nome de Violante de Cysneiros. É a ele que Fernando Pessoa escreve a famosa carta relevando a origem dos heterónimos. Regressou a Ponta Delgada algum tempo depois, iniciando uma fase literária mais tradicional de identificação com alguns elementos fundamentais da mundividência do povo micalense, que incluía uma certa espiritualidade franciscana. São dessa fase os livros de poemas *Em Louvor da Humildade* (1924), *Cântico das Fontes* (1934) e *Horto Fechado e Outros Poemas* (1953). Dedicou-se também ao teatro. A sua peça mais conhecida é *Quando o Mar Galgou a Terra* (1940).

MESQUITA, ROBERTO DE – O autor de *Almas Cativas* nasceu em Santa Cruz das Flores e aí passou quase toda a sua vida entre 1871 e 1923, com breves e escassas saídas. Uma única vez foi à metrópole visitar o seu irmão Carlos de Mesquita, professor na Universidade de Coimbra. Funcionário de Finanças, nem viu a publicação do seu livro (1931), que viria a colocá-lo na primeira fila do simbolismo português, graças primeiro à descoberta que dele fez Vitorino Nemésio chamando para ele a atenção nacional. Mas foi só com a edição da *Ática*, organizada por Pedro da Silveira e prefaciada por Jacinto do Prado Coelho (*Almas Cativas e Poemas Dispersos*, Lisboa, 1973) que o seu lugar na história da literatura portuguesa ficou definitivamente assegurado.

NEMÉSIO, VITORINO – Terceirense da antiga Vila da Praia da Vitória, e também figura por demais conhecida nacionalmente, graças sobretudo às suas célebres charlas televisivas “Se bem me lembro”, embora a sua obra poética e romanesca seja mais referida e citada do que lida. Dela se mencionam apenas alguns títulos : de narrativa, *A Casa Fechada* (1937), *Mau Tempo no Canal* (1944), *O Mistério do Paço do Milhafre* (1949) e, de poesia, *La Voyelle Promise* (1935), *O Bicho Harmonioso* (1938), *Eu, Comovido a Oeste* (1940), *Nem Toda a Noite a Vida* (1952), *Sapateia Açoriana* foi o seu manifesto poético pela defesa da “açorianidade” (termo criado pelo próprio Nemésio quando ainda

jovem) publicado no conturbado período da luta independentista nos Açores (1976). *Em Festa Redonda* (1950), Nemésio cultivou a quadra inspirada no modelo popular e daí o subtítulo: *Décimas & Cantigas de Terreiro Oferecidas ao povo da Ilha por Vitorino Nemésio natural da dita Ilha*. De entre a vasta produção de crónicas e escrita de viagens saliente-se o seu açorianíssimo *Corsário das Ilhas* (1956). Publicou também um livro sobre problemas da ciência contemporânea – *Era do Átomo, Crise do Homem* (1976). Estimava muito a companhia do seu violão.

QUENTAL, ANTERO DE – Nasceu em Ponta Delgada em 1842 e foi na mesma cidade, no Campo de S. Francisco, que se suicidou em 1891. O essencial da sua biografia é sobejamente conhecido do público português, muito embora a exemplar obra de JOSÉ BRUNO CARREIRO – *Antero de Quental, Subsídios para a sua biografia*, 1948 (dois volumes com um total de cerca de mil páginas, edição do Instituto Cultural de Ponta Delgada) – uma das melhores biografias da história da cultura portuguesa, continue, mesmo em segunda edição, com distribuição limitada. Será desnecessário referir aqui o papel de liderança intelectual assumido por Antero na Geração de 70, a sua obsessão com o rumo histórico de Portugal (magistralmente sintetizado na “Conferência do Casino” *Causas da decadência dos Povos Peninsulares*, 1871) ou a sua profunda preocupação com a problemática metafísica da existência que percorre os *Sonetos* (1861).

REBELO, DOMINGOS – Nasceu em Ponta Delgada em 1891, estudou pintura em Paris, onde foi companheiro de Amadeo de Souza Cardoso e Eduardo Viana. Em 1942 fixou-se em Lisboa. Nos seus quadros predominam os temas religiosos, a paisagem rural e os retratos de cenas da vida da gente simples. Um exemplo muito conhecido é o quadro “Emigrantes” no Cais de Ponta Delgada antes da partida para a América. É, de facto, o grande retratista de S. Miguel e do seu povo. O seu naturalismo reflecte a grande afinidade ideológica, sobretudo de uma profunda afeição pela mundividência franciscana, que tinha em comum com o seu amigo, o poeta Armando Côrtes-Rodrigues. Obteve vários prémios nacionais, um dos quais foi uma Medalha de Honra da

Sociedade Nacional de Belas Artes. Coloriu a ampliação de uma fotografia de Antero.

Breves notas sobre outras figuras reais referidas no texto

BRANDÃO, RAUL – Um dos grandes escritores portugueses do século passado. Viria a desempenhar papel fundamental na compreensão da identidade cultural açoriana, através desse maravilhoso livro sobre uma viagem aos Açores – *As Ilhas Desconhecidas* (1926) – a mais brilhante visão de fora alguma vez escrita sobre o arquipélago, para além de ser um dos melhores livros de viagens de toda a literatura portuguesa. Esta opinião é corroborada também por Pedro da Silveira, que lhe reconhece a influência no seu modo de perceber e sentir os Açores. O mesmo havia acontecido já com Vitorino Nemésio.

CHAVES, AFONSO – De Lisboa (1857), foi militar em Ponta Delgada e lá ficou desenvolvendo uma grande actividade em diversas áreas das ciências naturais. Instalou o Observatório Meteorológico de Ponta Delgada, que tem hoje o seu nome. Estabeleceu a mais antiga estação sismográfica de Portugal.

DACOSTA, ANTÓNIO – Natural de Angra do Heroísmo (1914), e considerado um dos grandes nomes da pintura portuguesa do século passado. Viveu a segunda metade da sua vida em Paris. Nemésio chamou-lhe um “pintor europeu das ilhas”.

GREAVES, MANUEL – Natural da Horta (1876-1956), escreveu, entre outros livros, *Aventuras de Baleeiros* (1950).

GUERRA, RODRIGO – Contista picoense (1862-1924) de uma geração muito interessante que conviveu na Horta na viragem do século passado. Os seus livros – *A americana*, por exemplo – Só recentemente têm sido publicados.

MAYA, CANTO DA – Escultor micaelense (1890-1981). Passou parte da sua vida em Lisboa e sobretudo em Paris. Com obra hoje dispersa por todo o mundo, ganhou, entre outros prémios, uma Medalha de Ouro na Exposição Internacional de Artes Decorativas. É um dos mais reputados escultores portugueses.

MODERNO, ALICE – Personalidade forte da vida cultural micaelense da primeira metade do século passado, nasceu em Paris, em 1867, de uma família luso-brasileira. A primeira aluna do liceu de Ponta Delgada, cedo se revelou uma feminista militante, desafiando a sociedade conservadora que a rodeava por viver com a sua companheira Dona Maria Evelina. O seu prestígio hoje deriva mais dessa faceta de mulher não-convencional e de iniciativas sociais e culturais diversas – como o Asilo de Mendicidade e a Sociedade Protectora dos Animais – do que da sua poesia, que ao tempo era, aliás, muito celebrada. Faleceu em 1946.

TERRA, FLORÊNCIO – Natural da Horta (1859-1941), escreveu contos. Um deles “A debulha”, circulou repetidamente em selectas liceais. Reunidos em volume (por exemplo em *Contos e Narrativas*, 1942), o seus textos só apareceram postumamente.

Índice das Obras Antologiadadas

1. Álamo Oliveira

Missa Terra Lavrada, Angra do Heroísmo, Edição Secretaria Regional da Educação e Cultura, 1984.

MANUEL, seis vezes pensei em ti, Ponta Delgada, Jornal da Cultura – Publicações e Artes Gráficas, Lda, 1994.

A Solidão da Casa do Regalo, Lisboa, Edições Salamandra, 2000.

2. Daniel de Sá

Bartolomeu (teatro), Angra do Heroísmo, Edição Direção Regional dos Assuntos Culturais, Secretaria Regional da Educação e Cultura, 1988.

3. José Martins Garcia

Domiciano, Angra do Heroísmo, Secretaria Regional da Educação e Cultura, Prémio “Armando Côrte-Rodrigues”, 1987.

4. Norberto Ávila

Algum Teatro, Volume I, Lisboa, Edição Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2009.

Algum Teatro, Volume II, Lisboa, Edição Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2009.

Algum Teatro, Volume III, Lisboa, Edição Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2009.

5. Onésimo Teotónio Almeida

No Seio Deste Amargo Mar, Lisboa, Edições Salamandra, 1992.